

A noite no Centro

Movimento, cultura e lazer fazem
as noites da região central de São Paulo



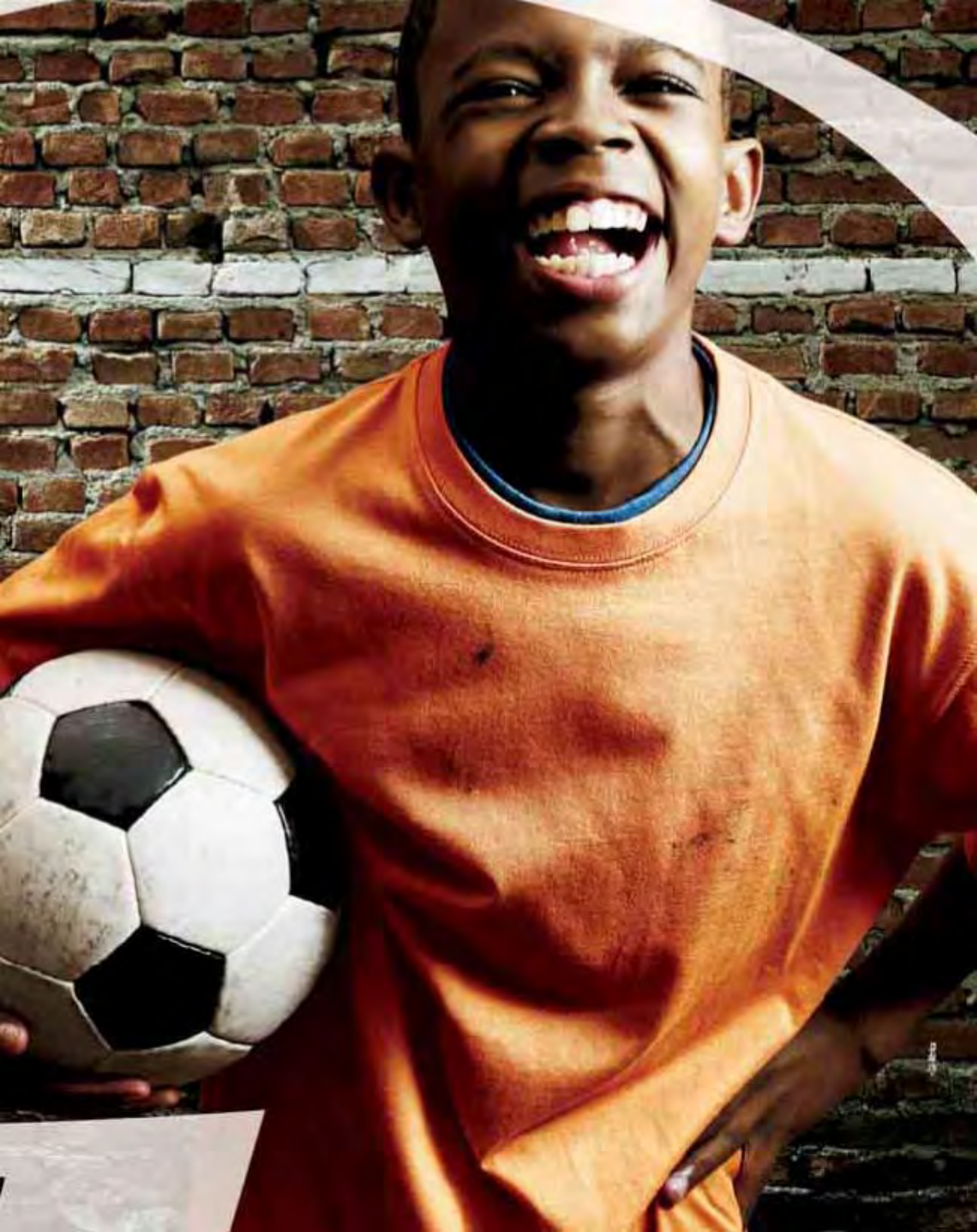
**A conveniência
do Itaú é
como o futebol
neste país:
está em
todo lugar.**

Nas agências, nos caixas
eletrônicos, no telefone,
na internet e no celular.



**feito
para
você**





Urbis é uma publicação trimestral
da Associação Viva o Centro.

Editor: Jorge da Cunha Lima. **Produção
e edição:** LDC Editora e Comunicação Ltda.

Rua das Cinco Pontas, 1023, Cotia - SP.

Tel: 11 4702-8331. **Diretor:** Domingos Crescente.

Edição de texto e reportagens: Adilson Fuzo.

Jornalista responsável: Adilson Fuzo (MTB: 44.698).

Projeto gráfico: LDC Editora e Comunicação Ltda.

Arte: Adriana Camer e Mariá Clara Sato.

Foto da Capa: Divulgação.

Colaboradores desta edição: Zé Pedro Russo e
Daniel Crescente.

Impressão: Garilli. **Tiragem:** 12.000 exemplares.

Redação, administração, circulação e assinatura:

Rua Libero Badaró, 425 – 4º andar. CEP 01009-000

São Paulo – SP. Fone: (11) 3556-8959. **Redação:**

redacao.urbs@vivaocentro.org.br. **Assinaturas:**

www.vivaocentro.org.br/assinaturas.

O conteúdo desta publicação não representa
o posicionamento da Associação Viva o Centro.

Os artigos publicados expressam tão somente a
opinião de seus autores.



Viva o Centro
São Paulo

Patrocinadores desta edição:



BM&FBOVESPA
A Nova Bolsa



sumário

7 Editorial

Centro 24 horas

8 Capa

É noite no Centro, Divirta-se

14 Segurança

É noite no Centro, Você está em segurança?

18 Empresários

Eles fazem a noite acontecer no Centro

26 Entrevista

O homem que salvou um símbolo da cidade

32 Boemia

Boemia paulistana: tudo errado, mas tão gostoso...

38 Grande Angular

Uma cidade de luzes e sombras sobrepostas

46 Metrô

O Metrô que você não vê

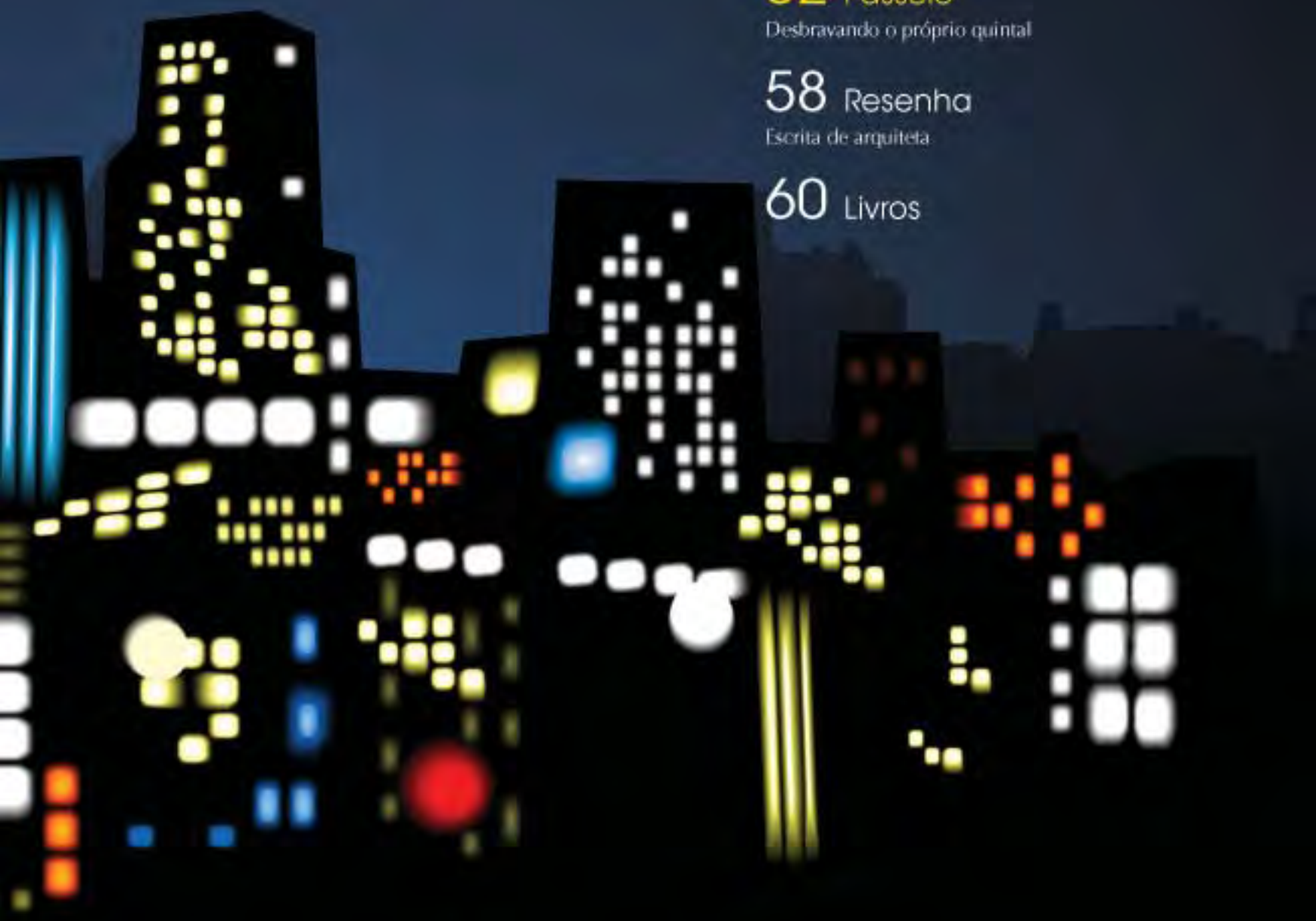
52 Passeio

Desbravando o próprio quintal

58 Resenha

Escrita de arquiteta

60 Livros





Com uma pequena contribuição você pode ajudar a manter um patrimônio de valor inestimável.

O Triângulo Histórico no Centro de São Paulo é onde a cidade nasceu. E graças ao trabalho da Viva o Centro, continua mais vivo do que nunca. A Viva o Centro faz isso desenvolvendo ações importantes que, em conjunto com a contratação de 18 zeladores urbanos, responsáveis por registrar irregularidades e informar a base de operações para a resolução do problema, melhoram a qualidade de vida da região e impulsionam o turismo na cidade. Mas para continuar esse trabalho, a Viva o Centro conta com a sua colaboração. Para saber mais, visite a sede da Aliança pelo Centro Histórico, na Rua da Quitanda, nº 80, ou ligue (11) 3556-8950, ou acesse www.vivaocentro.org.br/alianca.

Patrocinadoras da Viva o Centro na Aliança:



Viva o Centro
São Paulo

UNIESP



Centro 24 horas

Se há um lugar na Metrópole Paulistana onde a vida pulsa dia e noite, esse lugar é o Centro

Conjugando moradia e atividades de comércio, serviços, lazer, educação e cultura com uma formidável infra-estrutura urbana de transporte e telecomunicações, o Centro abriga a maior parte do patrimônio histórico da cidade e reúne equipamentos de lazer e cultura dos mais importantes do país. Com isso, a região central de São Paulo desperta o entusiasmo dos estrangeiros que a visitam e começa agora a chamar a atenção dos próprios paulistanos, muitos dos quais acostumados a viajar para o exterior para curtir centros de metrópoles como Buenos Aires, Paris ou Nova York.

Mais antenados, empresários da noite e da área educacional e cultural foram dos primeiros a descobrir este novo Centro. Antes, os governos estadual e municipal transferiram para o Centro a quase totalidade de suas secretarias e empresas e investiram maciçamente em projetos e equipamentos culturais na região. Mais recentemente, organizações públicas e privadas vêm recuperando e iluminando as fachadas de seus prédios históricos.

A juventude invade o Centro onde encontra estudo, emprego e lazer. Já a elevada procura por moradia na área faz com que qualquer oferta imobiliária que surja seja logo absorvida. Com isso, encontrar moradia no Centro hoje não é tarefa fácil.

Já o mito da insegurança da área, difundido principalmente entre os que não a frequentam, vai aos poucos cedendo lu-

gar a uma visão mais realista da questão. Sem fundamento nas estatísticas policiais, a sensação de insegurança que pode acometer um visitante mais desavisado talvez seja fruto daquilo que se constitui na maior virtude do Centro: a sua diversidade, a sua multifuncionalidade e a sua imensa área pedestrianizada.

Muitos paulistanos de classe média ou alta, até mesmo alguns mais intelectualizados, acostumados a conviver apenas com seus iguais em bairros residenciais ou condomínios fechados e *shopping centers*, se espantam com um lugar onde moradia, comércio, serviços e lazer de todos os níveis sócio-econômicos, acontecem lado a lado. E, principalmente, onde grande parte dos deslocamentos é feita a pé.

Espero que esta edição de Urbs ajude a desarmar esses espíritos, mas que também chame a atenção das autoridades para o formidável potencial, ainda a ser plenamente explorado de nosso Centro, em benefício de toda a metrópole. A experiência internacional nos mostra a importância de um centro metropolitano harmônico e justo, com seus espaços públicos bem cuidados, iluminados e policiados, onde as pessoas não só estejam seguras, mas também se sintam seguras.

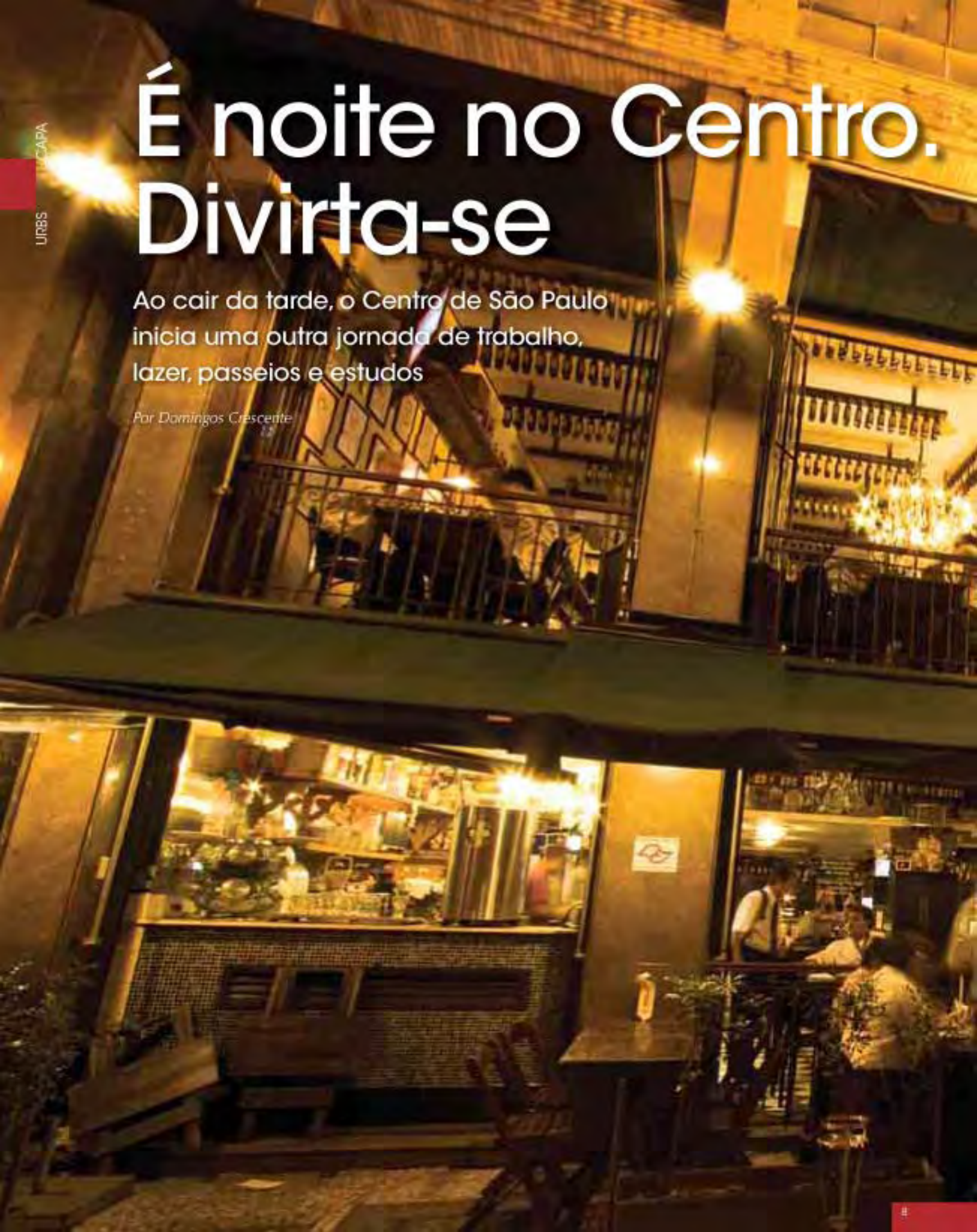
Marco Antonio Ramos de Almeida

Superintendente Geral da Associação Viva o Centro

É noite no Centro. Divirta-se

Ao cair da tarde, o Centro de São Paulo inicia uma outra jornada de trabalho, lazer, passeios e estudos

Por Domingos Crescente





*O Salve Jorge, na
Praça Antonio Prado*

O Centro da cidade de São Paulo vem fortalecendo a cada dia sua condição de palco de verdadeira e saudável convivência social para todos os paulistanos. E, se isso é óbvio durante os dias, com o trabalho nos escritórios e no intenso comércio, é verdadeiro também à noite, quando se inicia, nas ruas centrais, uma nova jornada de trabalho, cultura, passeios, lazer e estudos.

Já ao cair da tarde a cidade ganha um movimento de alegre agitação, com as *happy hours*, com as mesas que tomam as calçadas do Largo do Café, da Rua Álvares Penteado, ou da Praça Antonio Prado, bem no coração do Centro Histórico da cidade. Estes bares ficam repletos de pessoas que visitam a cidade a passeio ou a negócios, trabalhadores que saem dos seus escritórios ou do comércio e de estudantes das escolas e universidades que marcaram sua presença no Centro. Esse é o caso da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) e da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), ambas no Largo São Francisco; da Faculdade de Fi-

losofia São Bento; e outras que chegaram mais recentemente, como a Fundação Armando Álvares Penteado, que mantém a sua residência para artistas estrangeiros no belo edifício Lutécia, na Praça do Patriarca; a Uniesp, que tem nada menos do que cinco unidades educacionais instaladas em ruas do Centro; e a Universidade de Guarulhos, instalada no edifício do Shopping Light.

Na descontraída distribuição de mesas nas calçadas existem bares de diversos tipos. Um deles, o Salve Jorge, na Praça Antonio Prado, é filial de um estabelecimento famoso de outra área de cidade que abriu sua filial (cinco vezes maior do que o estabelecimento original) no Centro, atraído pela movimentação de suas ruas.

Locais mais emblemáticos da boemia paulistana também estão renovados. Entre eles o Bar Brahma, na esquina das avenidas Ipiranga e São João e as ruas Avandava e Canuto do Val, com seus bares e restaurantes tradicionais. Outro local onde a vida pulsa na noite do Centro é a Praça Dom

*A Rua Avandava,
transformada pela iniciativa
de um empresário*



José Gaspar, com os jardins enfeitados por esculturas e bares com mesas na calçada. Esta praça já foi um ícone dos anos 60. Na Galeria Metrópole, que interliga a praça e a Avenida São Luís, já reinou o famoso O Jogra!, reduto de artistas e intelectuais liderados por Antonio Carlos Paraná; o Ponto de Encontro, onde Plínio Marcos lançou sua peça “Dois perdidos numa noite suja”; e o elegante Pari Bar.

As baladas, encontros com música, dança e luzes tão ao gosto dos mais jovens, também têm seu lugar no Centro. A Rua Augusta, no trecho chamado de Baixo Augusta, que vai da Avenida Paulista à Praça Roosevelt, faz sucesso entre jovens de todas as “tribos” com seus bares modernos e restaurantes cheios de estilo.

Arquitetura iluminada

É também ao anoitecer que a arquitetura se mostra com mais força e beleza. Inúmeros edifícios do Centro Histórico mantêm as suas fachadas preservadas, limpas e com uma

iluminação cenográfica que atrai muitos visitantes. Eles se organizam em passeios a pé pelas ruas centrais para contemplar estes edifícios.

Entre eles estão o imponente prédio do Tribunal de Justiça, na praça Clóvis Bevilácqua; os edifícios da BM&F Bovespa, na Praça Antonio Prado e Rua XV de Novembro; e o Edifício Matarazzo, também conhecido como Palácio do Anhangabaú, na esquina do Viaduto do Chá com a Rua Líbero Badaró. O prédio foi projetado pelo arquiteto italiano Marcello Piacentini a pedido do Conde Ermelino Matarazzo, que manteve ali, por muitos anos, a sede de suas empresas. Desde 2004, o imponente edifício abriga a sede da Prefeitura paulistana. No outro extremo do Viaduto do Chá, no Centro Novo, está o Edifício Alexandre Mackenzie, construído em 1929 na esquina da Rua Xavier de Toledo. Esse prédio foi sede da Light, antiga companhia de energia e bondes de São Paulo que, desde de 1999, abriga o Shopping Light.

*O Baixo Augusta:
sucessão de bares,
baladas e restaurantes
atrai o público jovem*





O Teatro Abril, antigo Paramount, traz espetáculos de sucesso na Broadway para São Paulo

Outra atração arquitetônica no Centro Novo é o edifício Itália. Esse prédio, localizado na esquina das avenidas Ipiranga e São Luís, é o segundo maior edifício da cidade de São Paulo e também do Brasil, com 46 andares e 165 metros de altura. À noite, o edifício iluminado destaca-se na paisagem. E duas de suas atrações estão nos extremos. No subsolo está o Teatro Itália e, na cobertura, o restaurante Terraço Itália, que permite uma vista em 360 graus da cidade, e é um dos mais importantes pontos turísticos da capital paulista.

Cultura movimenta as ruas

A agitação cultural da cidade é outro fator que contribui para tornar a noite do Centro mais movimentada e suas ruas mais seguras. No Centro Histórico, o CCBB, Centro Cultural do Banco do Brasil é um destaque, tanto pela sua programação como pelo prédio construído em 1923

e totalmente restaurado em sua arquitetura original. As atividades do CCBB, localizado na esquina formada pela Rua Álvares Penteado e Rua da Quitanda, incluem exposições de artes plásticas e fotografia, apresentações de teatro, dança, música e palestras. Além disso, o CCBB promove visitas monitoradas, com oficinas sobre as obras que estão em exposição e também visitas guiadas para apreciação da arquitetura do prédio.

Outro ícone da cultura paulista está do outro lado do Viaduto do Chá. O Teatro Municipal está atualmente em reforma e sua fachada e laterais cobertas por tapumes. Mas, em pouco tempo, ele voltará a ser o pólo aglutinador de cultura, que sempre trouxe movimento para a região. Outro teatro importante é o Cultura Artística, na rua Nestor Pestana, cujo projeto de recuperação depois do incêndio avança no sentido de torná-lo a mais moderna casa de espetáculos do país.



Foto: Divulgação/Weg/Fabrizio Aragão

O Teatro Sérgio Cardoso, equipamentos modernos e 856 lugares na platéia

Mas muitos outros teatros se espalham pela região central. Podemos citar, só para ficar com os mais famosos, o Teatro Sérgio Cardoso, na Rua Rui Barbosa, bem no coração do bairro central da Bela Vista, ou Bixiga, como a região é mais conhecida pelos paulistanos; e o Teatro Abril (ex-Paramount), no início da avenida Brigadeiro Luis Antonio, que trouxe para a cidade o *glamour* das grandes montagens da Broadway, como “Les Miserables”, “Miss Saigon” ou “O Fantasma da Ópera”.

A história desse teatro é repleta de grandes acontecimentos. Inaugurado em 1929, foi símbolo de *glamour* por décadas e a primeira casa a projetar filmes falados na América Latina. Outro grande momento ocorreu nos anos 60, quando o teatro foi palco para a gravação ao vivo do show “Dois na Bossa”, com Jair Rodrigues e Elis Regina. Foi esse show que deu origem ao programa “O Fino da Bossa”, exibido com enorme sucesso pela TV Record

de São Paulo. Foi também no então chamado Teatro Paramount que se realizou o 2º Festival de Música Popular Brasileira, do qual participaram nomes como Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Edu Lobo. Foi também, no Paramount que, pela primeira vez, a música brasileira foi tocada por guitarras elétricas. Foi no palco do Paramount que nasceu o tropicalismo a partir do arranjo do maestro Rogério Duprat para a música “Alegria, Alegria”, de Caetano Veloso. Na música erudita, no coração da Nova Luz, está a Sala São Paulo, uma das melhores salas de concertos do mundo. Outros teatros bastante importantes na cena cultural paulistana são o Aliança Francesa, na Rua General Jardim e o Teatro de Arena Eugênio Kusnet, na Rua Teodoro Baima, que fez história com montagens como “Arena Conta Zumbi” e “Arena conta Tiradentes”. Grandes nomes das nossas artes cênicas trabalharam ou formaram-se no palco do Arena: Giafrancesco Guarnieri e Augusto Boal, são dois desses nomes. Precisa falar mais?



Foto: Renato Coury

É noite no Centro. Você está em segurança?

A imagem de uma região insegura e sem vida que muitos paulistanos ainda têm do Centro de São Paulo à noite não reflete a realidade

Se o Centro tem uma agitada vida noturna, movimento de trabalhadores e estudantes, boa iluminação e policiamento adequado, por que persiste em muitos paulistanos a ideia de que a região central é um local inseguro? A resposta não é simples e envolve alguns aspectos que merecem uma análise mais profunda. O que faz alguns paulistanos imaginarem que o Centro é um local inseguro são os mesmos elementos que nos fazem sentir inseguros em qualquer lugar. Mas, no Centro esses elementos estão, muitas vezes, mais visíveis do que em outros locais, a começar pelo fato de que no Centro se circula basicamente a pé.

O coronel Álvaro Camilo, comandante Geral da Polícia Militar e ex-comandante do CPAM-1 (Comando de Área Metropolitana região 1), que corresponde ao Centro Expandido, explica que a sensação de insegurança em qualquer região de qualquer cidade é normalmente provocada por dois fatores que ele chama de “desordens”: a física, representada pelo aspecto da arquitetura urbana; e a social, representada pela atividade de pedintes, flanelinhas e moradores de rua.

O aspecto físico da cidade

“A desordem física da cidade é um elemento importante na questão da sensação de insegurança. Prédios pichados, iluminação precária, ruas esburacadas e sujas passam a sensação de que ninguém está zelando por aquela região e aí vem o sentimento de insegurança. Ao contrário, quando você vê uma rua bem iluminada, prédios bem conservados, a sensação é de maior segurança”, diz o coronel.

Por isso, a conservação da arquitetura urbana, os serviços de iluminação pública, limpeza, calçamento etc. podem ter duplo efeito em relação à segurança. Ao mesmo tempo em que contribuem para amenizar a sensação de insegurança, trazem maior movimento para as ruas e, assim, reduzem também os índices reais de criminalidade e violência.

O coronel cita como exemplo de local bem cuidado o metrô, onde ninguém se sente inseguro, porque ele é limpo, bem iluminado, bem cuidado, movimentado. Locais com essas características não são adequados para o crime. E então temos um círculo virtuoso: quanto mais movimento, limpeza e iluminação, maior a sensação de segurança e maior também a segurança real.



Movimento da volta para casa, depois do dia de trabalho, se prolonga noite adentro



Lixo também é responsável por sensação de insegurança

Dessa forma, não é difícil entender porque são tão importantes as ações que favoreçam a recuperação de equipamentos urbanos da cidade. No Centro, muitos desses equipamentos se encontram recuperados, ou em processo de recuperação incentivado por iniciativas como a isenção do IPTU para recuperação de fachadas; as ações de zeladoria urbana, como a empreendida pela Aliança pelo Centro Histórico, ou mesmo iniciativas como a organização dos comerciantes para ações como não apagar a luz de seus estabelecimento. Todas as ações são muito importantes para aumentar a sensação de segurança nas ruas. A atuação da Aliança pelo Centro Histórico, uma iniciativa da Associação Viva o Centro em parceria com a Prefeitura de São Paulo para garantir a execução dos serviços de zeladoria urbana no triângulo formado pela Praça da Sé e os Largos São Bento e São Francisco, é uma das mais recentes e inovadoras ações capazes de contribuir para que se desfça a sensação de insegurança na região central.

É em função dessa série de ações e movimentos pela requalificação do Centro que temos hoje, na região, a presença de novas escolas e Universidades; empresas de trabalho noturno, como, por exemplo, as operadoras de telemarketing; e, mais recentemente, a revitalização da vida noturna na área central, com um número maior de bares, casas de espetáculo e passeios culturais e ciclísticos promovidos por associações.

O aspecto social

No aspecto social, um elemento gerador de sentimento de insegurança, em qualquer cidade do mundo, é a presença de moradores de rua, pedintes, flanelinhas e camelôs. No Centro essa presença é maior e mais visível do que em outras áreas da cidade, provocando maior sensação de insegurança. Mas o coronel lembra que moradores de rua, de uma forma geral, não representam uma ameaça.

“Todas as grandes cidades do mundo convivem com moradores de rua. Como normalmente eles estão mal vestidos, transmitem uma sensação de insegurança, mas é preciso saber que pedir esmola ou comida não é crime”, diz.

Robson Correia de Mendonça, ex-morador de rua e agora coordenador geral do Movimento Estadual da População em Situação de Rua de São Paulo, que falou à reportagem durante a realização de um passeio a pé pelo Centro no mês de dezembro, concorda com o fato de que o morador de rua é, quase sempre, um perdinte. Ele também não vê essa população como uma ameaça à segurança.

As drogas

Um grupo que chama a atenção é o de dependentes de drogas, que Robson chama de “nóias”. Ele explica que esses grupos têm acordos com traficantes e que dificilmente praticam violências como roubos ou assaltos nas regiões em que vivem, ou onde fazem uso da droga. Mas, mesmo assim, não recomenda que as pessoas fiquem olhando muito para eles, pois isso irá gerar desconfiança e reações como a de seguir quem estiver “encarando” para exercer algum tipo de molestamento mais distante do local que usam normalmente para consumir a droga. Em vista de tudo isso, é seguro andar pelo Centro à



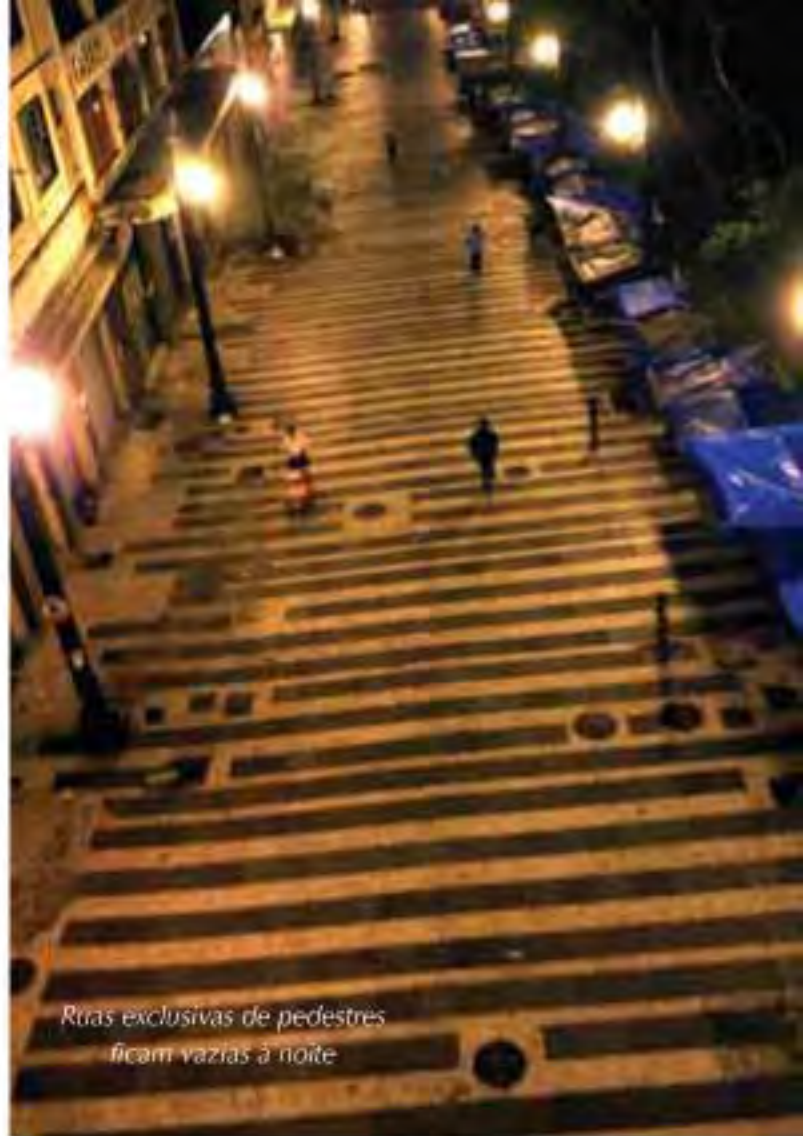
Esquina da Rua Guaianazes com Rua dos Gusmões, na Nova Luz

Foto: Rogério Cassimiro/Foto Arquivo

Uma ação integrada

Não se pode falar de segurança na noite do Centro sem tocarmos em um ponto polêmico: a área da chamada cracolândia, uma região da área central da cidade frequentada por traficantes e usuários de drogas, especialmente o crack. Eles se instalaram na região há mais de 20 anos, depois da desativação da antiga estação rodoviária de São Paulo, que deixou sem clientes os diversos hotéis, bares e restaurantes do seu entorno.

Alvo de ações do poder público desde 2005, essa região comporta mais um problema social do que propriamente de policiamento. Por isso, as ações do poder público na área precisam ser coordenadas e abrangentes, segundo opinião do coronel Álvaro Camilo, comandante Geral da Polícia Militar. Para ele, a situação não pode ser resolvida da noite para o dia, mas sim gradativamente e com ações conjuntas da Polícia Militar e iniciativas de saúde e assistência social.



*Ruas exclusivas de pedestres
ficam vazias à noite*

noite? O coronel responde que sim, mas que como em qualquer outro lugar, é necessário se tomar as devidas precauções. E ele diz que tomando os cuidados normais aos quais estamos acostumados no nosso dia a dia, qualquer pessoa pode frequentar o Centro à noite. E também que o policiamento na área vem sendo constantemente aprimorado.

“Vários programas de policiamento tiveram o seu horário de funcionamento ampliado ou alterado para se adequar à nova realidade da ampliação da vida noturna no Centro”, diz o coronel. Segundo ele, a polícia tem feito investimentos em tecnologia para contribuir mais efetivamente para garantir a segurança. A região central da cidade já dispõe de 260 câmaras de vigilância instaladas, o que permite ao policiamento agir mais pontualmente. Mas, para ele, é necessária também a contribuição da sociedade. “Acredito que as pessoas têm que entender que precisam colaborar, não colocando lixo na rua em horário indevido e informando sobre qualquer evento como buracos, lixo, falta de iluminação etc.”, diz o coronel.

para a Nova Luz

Um projeto que caminha nesse sentido é a Ação Integrada Centro Legal, que reúne órgãos do Governo do Estado de São Paulo, a Prefeitura, o Poder Judiciário e o Ministério Público. Ao todo, são 20 órgãos públicos envolvidos na tarefa de minimizar os problemas estruturais e sociais na região.

Para o coronel, o poder público nunca enfrentou a situação na Nova Luz de maneira tão integrada como vem ocorrendo agora. “Temos, mensalmente, uma reunião na Prefeitura da qual participam todos os órgãos envolvidos na Ação Integrada Centro Legal. O problema que enfrentamos é mais social do que policial. É importante ressaltar que a polícia está atuando, está abordando as pessoas, mas o mais importante é que esse não é um esforço policial isolado, mas um trabalho integrado com as áreas de saúde e assistência social”, diz.

A Ação Integrada Centro Legal já tem resultados para mostrar. “Temos alguns resultados importantes dos encaminhamentos feitos: 37 pessoas internadas para tratamento e mais de 1.200 pessoas recebendo apoio social. Também foram criadas tendas no parque D. Pedro II para recepcionar as pessoas que procuram ajuda. Estamos também fazendo um trabalho com as pessoas que entregam refeições, para que passem por locais mais adequados. É uma série de ações que estão sendo executadas não apenas na Nova Luz, mas em toda região central da cidade”, completa.

Apesar de afirmar que o problema existente na Nova Luz é mais social do que policial, o coronel defende a participação do policiamento na forma de uma ação que ele chama de prevenção primária para que o problema social não transforme em um grave problema de segurança no futuro.

Eles fazem a noite



Foto: Olycom/Alamy

acontecer no Centro



Foto: Davi Augusto

Conheça melhor alguns dos empresários que investiram tudo o que tinham para montar seus negócios na vida noturna do Centro de São Paulo. Depois de anos trabalhando duro, eles conseguiram o retorno financeiro para seus investimentos e contribuíram decisivamente para fazer da noite paulistana uma das mais prestigiadas do mundo

Por Adilson Fuza

A noite paulistana, definitivamente, é um dos patrimônios mais valiosos da cidade. Com tantas opções de gastronomia, de música, de cultura, de diversão etc., a vida noturna de São Paulo é frequentada não só pelos moradores da própria cidade, como também por uma variada fauna de visitantes oriundos de toda parte do mundo. A conquista de tamanho status não se deu por ação do governo, de movimentos sociais ou com o investimento de grandes multinacionais, mas sim pelo empenho e pela coragem de um grupo de pequenos empresários que cresceram apostando na noite paulistana, apesar da falta de incentivos.

Graças ao esforço desses homens e mulheres, a noite se transformou num precioso ramo da economia da cidade, empregando muita gente direta e indiretamente. Portanto, é inegável que os empresários da noite contribuem decisivamente para manter viva a tradição boêmia da cidade, ainda que com outras cores, sabores, ritmos e ideias. É bem provável, por exemplo, que boa parte dos moradores mais antigos da cidade ainda prefira o clima de canções embaladas por

cantores como Ari Barroso, Orlando Silva, Dorival Caymmi e Nelson Gonçalves numa mesinha de bar a meia luz a ter de enfrentar o som do bate estaca castigando os ouvidos e o bombardeio nervoso de luzes frenéticas das novas discotecas. A tradição boêmia da cidade permanece, o que mudou foi o gosto dos frequentadores.

A rainha dá o exemplo

Antes que os mais nostálgicos comecem a se queixar dos costumes dos novos tempos, é preciso lembrar que apesar da maioria dos empresários ainda nortear a programação de seus estabelecimentos de acordo com as tendências e a moda vigente, São Paulo continua generosa em sua capacidade de oferecer diversão para todos os gostos. E é justamente aí que nos deparamos com o competente trabalho da empresária Lilian Gonçalves que, em meio aos diversos projetos em que trabalha simultaneamente, mantém o chamado Bar do Nelson, totalmente ambientado na obra do cantor Nelson Gonçalves, que por obra do destino também foi seu pai.



*Bar do Nelson,
homenagem ao cantor
Nelson Gonçalves*



Frango com Tudo



Discoteca do Biroksa



*Mais duas casas da Canuto do Val:
acima o Espetinho e abaixo o Siga La Vaca*



Foto: Divulgação



O nome de Lilian vem sendo citado com frequência na mídia recentemente por conta de uma disputa com alguns de seus vizinhos na Rua Canuto do Val, no bairro de Santa Cecília, onde a empresária mantém uma série de casas noturnas e quer construir uma calçada da fama nos mesmos moldes do Hollywood Walk of Fame. Polêmicas à parte, o objetivo de Lilian é criar no local um novo marco turístico para a cidade que homenagearia celebridades brasileiras. As obras da calçada foram iniciadas no final de 2009, mas a Justiça interrompeu os trabalhos logo em seguida. Enquanto a situação não se define, Lilian segue trabalhando nos seus outros projetos. Pelo que se viu até hoje, a empresária não é do tipo que perde tempo esperando as coisas acontecerem.

No dia em que Lilian conseguiu seu primeiro emprego como garçonete, começou a trabalhar imediatamente. “Comigo não existe esse negócio de voltar no dia seguinte. Quem quer trabalhar de verdade, começa na hora”, dispara a mineira. Sua trajetória de vida tem episódios cinematográficos, como quando conheceu o presidente Juscelino Kubitschek ou quando desembarcou sozinha na rodoviária de São Paulo com duas mudas de roupa e apenas 16 anos de idade. A história completa já foi contada na autobiografia “A vida brilhando em néon” e na minissérie global “JK”, na qual Lilian foi interpretada pela atriz Mariana Ximenes.



Walter Mancini

A verdade é que a menina que chegou à cidade sem nada nos bolsos em 1969 hoje é conhecida como a rainha da noite, não só por conta de seu sucesso como empresária, mas também pelo seu carisma, vaidade e sua presença marcante. Hoje, suas casas noturnas formam a Rede Biroska e estão concentradas na Rua Canuto do Val, sempre frequentada por atores, cantores, políticos, atletas e jornalistas. Cada um dos estabelecimentos oferece uma experiência diferente para os clientes de maneira que, somadas, as casas atraem 50 mil visitas todos os meses.

Lilian já teve negócios em outras partes da cidade, mas sua atração pelo Centro é antiga. “Certa vez, quando montei uma casa na Rua Amaral Gurgel, recebi a visita da Luiza Erundina, que era prefeita na época. Ela elogiou minha coragem por eu ter investido tanto numa rua que estava praticamente abandonada na época”, lembra Lilian. “Eu agradei o elogio e expliquei à prefeita que eu acreditava muito no centro de São Paulo e estava disposta a fazer minha parte para ajudar a recuperá-lo”. Anos mais tarde, depois de ver tudo que Lilian fez, faz e planeja fazer em seus empreendimentos, quem é capaz de afirmar que ela não cumpriu a sua parte?

Galeria
Calligraphia



Jeremias, o Bom Piano & Bar

Famiglia italiana

Entre tantos empresários que poderiam ser citados por contribuir para que a vida noturna no Centro se tornasse tão vibrante como é hoje, Walter Mancini está entre os mais antigos. De coração amaciado pelos mais de 50 anos de trabalho na noite – seja como patrão ou como empregado –, nem parece mais um empresário discursando. “Eu não vim ao mundo para contar moedas, eu





Pizzaria Famiglia Mancini



Walter Mancini Ristorante

vim para dar e receber amor. Essa é minha história com a vida, o resto é bobagem”.

Precoce, Walter já tinha seu primeiro negócio aos 19 anos, no início da década de 60. Mas a fama e o dinheiro só vieram mesmo depois da criação do Famiglia Mancini, em 1980. Segundo os seus cálculos, cerca de 10 milhões de pessoas já passaram por lá. “Não conheço nenhum restaurante ou casa de shows que exista há tanto tempo e que desde o início tenha tido fila de espera. Isso eu devo aos meus amigos, que até hoje me ajudam muito e foram muito importantes no começo”, revela o empresário de 67 anos. “Eu não sou nenhum mágico, nenhum gênio, mas eu sou uma pessoa que, graças a Deus, tem humildade para pedir. Por isso, eu ligava para meus amigos e pedia para eles visitarem meu restaurante e trazer outras pessoas.”

Apesar do sucesso de seus negócios, Walter reluta em receber o crédito pelo núcleo de empresas que ergueu na Rua Avandava. “Seria muito pretensioso atribuir o histórico do Famiglia Mancini a mim, à minha mãe ou à minha tia. O restaurante foi construído numa época em que a concorrência não era tão acirrada como é hoje. Acho até que hoje eu não seria capaz de criar outra casa do zero neste mesmo padrão”, confessa. O que explicaria, então, tamanho sucesso? Para Walter, isso só pode ser obra do “dedo de Deus.”

Mas nem só de empurrãozinhos divinos vive o Grupo Mancini. Walter soube fazer sua parte para que suas empresas

prosperassem na noite paulistana, atraindo o público do teatro para seus estabelecimentos após as apresentações. Hoje, diversos restaurantes adotam essa estratégia, patrocinando espetáculos e oferecendo refeições aos atores, mas na verdade todos eles aprenderam com Walter Mancini, que foi pioneiro neste tipo de iniciativa. “De certa forma, a qualidade de nosso restaurante foi validado pelos atores. Eu devo muito à classe teatral, que sempre ajudou a atrair clientes”, comenta ele. “Uma prova disso é que o movimento do restaurante caiu muito depois do incêndio do Teatro Cultura Artística. Precisei fazer uma série de ações para compensar essa perda e atrair o público novamente, afinal, tratava-se de um teatro emblemático.”

Usando seu *feeling* e sua criatividade, Walter fez muita coisa para levar adiante o seu negócio. O que mais o diferenciou dos concorrentes, porém, foi a repaginação da Rua Avandava, que valorizou não só o espaço onde estão as suas empresas, mas também de seus vizinhos, além de criar uma nova referência turística para a cidade. O projeto todo custou cerca de R\$ 1 milhão, sendo que Walter bancou a metade e a Visa a outra metade. A prefeitura contribuiu fazendo o calçamento. A manutenção do espaço custa cerca de R\$ 10 mil por mês aos cofres do Grupo Mancini.

Walter garante que o investimento vale a pena do ponto de vista empresarial. Porém, ele admite que não é isso que o motiva a gastar tanto para manter a Avandava bonita.

“Depois de tantos anos, aprendi que é importante olhar não só da porta para dentro do nosso estabelecimento, onde meus clientes pagam para desfrutar de um momento de prazer, de felicidade. Devemos olhar também da porta para fora, onde estão algumas pessoas que muitas vezes não têm dinheiro nem mesmo para comprar um sapato, mas que também merecem ser felizes.”

Novatos no Centro

Em meio às dezenas (ou talvez centenas) de empreendedores que fazem a noite acontecer na região central da cidade, uma dupla de novatos vêm se destacando. São eles Facundo Guerra e José Tibiriça, proprietários dos bares Volt e Z Carniceria e do afamado Vegas Club. Este último, aliás, transformou-se num fenômeno de popularidade entre os jovens, dando um novo fôlego para a região do Baixo Augusta.

Quando o Vegas foi inaugurado, há cinco anos, a região estava em baixa, relativamente esquecida pela especulação imobiliária, conforme lembra Guerra. Isso foi determinante para que os sócios conseguissem alugar um imóvel com as características ideais para clube. “Precisávamos de um espaço amplo e barato, algo que não é fácil de encontrar em São Paulo. Nós sabíamos que, apesar de estar deteriorada, havia todo um charme naquela região que vinha da década de 60 e foi desaparecendo com a expansão dos *shoppings centers*, além da presença de todos aqueles lupanários por perto, ou seja, nós sabíamos que a região tinha potencial. O que faltava eram os empreendimentos”.

E foi justamente o sucesso vertiginoso do Vegas que iniciou um novo ciclo de visibilidade para o Baixo Augusta, atraindo principalmente outras casas noturnas para a vizinhança do Vegas. “No final das con-

Foto: Fábio Zaveres



José Tibiriça e Facundo Guerra



tas, a presença de outras casas ajuda, mesmo que sejam concorrentes. Quanto mais público estiver frequentando a Augusta, melhor. Desta forma, cria-se um circuito na região e não precisamos mais ficar convencendo as pessoas de que é seguro andar na Augusta à noite etc.,” explica Guerra.

A falta de experiência de Guerra e Tibiriça pode ter sido um dos segredos do sucesso do seu primeiro empreendimento. Ao invés de montar uma casa voltada para um determinado público, ele montaram o Vegas como se eles mesmos fossem os futuros frequentadores do clube. “Acho que quando se monta um negócio voltado para a música, é natural que ele seja uma materialização das vontades e desejos dos sócios que estão por trás dele. Por isso, montamos um clube pensando naquilo que a gente queria, no que a gente gos-

tava e no que a gente acreditava”. A fórmula funcionou e os sócios acabaram criando um estilo musical e de decoração próprio para suas casas.

A inauguração dos dois bares em 2009 expressa bem o novo jeito dos empresários criarem seus ambientes. Para montar a decoração interna do Volt, que atende aos adeptos da música eletrônica, Guerra e Tibiriça pegaram carona na Lei Cidade Limpa e compraram os letreiros em néon que ocupavam a fachada dos bordéis da Augusta. O projeto foi feito em parceria com outros dois sócios, o arquiteto Eduardo Chalabi e o artista plástico Kleber Matheus.

Como não poderia deixar de ser, o Z Carniceria também se fez num ambiente inusitado. Os sócios decidiram ocupar o prédio que abrigava um matadouro e o primeiro açou-

gue da Rua Augusta (que, a propósito, já nos anos 60 se chamava “Z”). O som ambiente é *rock n’ roll* e a decoração do bar traz diversos objetos que pertenciam ao próprio açougue, como os ganchos onde as peças de carne eram penduradas. O objetivo, ao contrário do que pode parecer, não é ser mórbido, mas contar um parte da história da Augusta, assim como acontece com o Volt.

O próximo empreendimento da dupla Guerra e Tibiriça deve ser erguido na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Quando a casa abrir as portas, a noite paulistana terá uma nova história para contar. Que melhor maneira pode existir para entender essa São Paulo e seus habitantes do que contando as suas histórias? É o que cada um dos empresários da noite faz à sua maneira, seja relembando um músico que estava caindo no esquecimento, seja mantendo vivas as raízes de um povo que ajudou a erguer esta cidade ou reconstruindo a trajetória de uma das ruas mais importantes da cidade. Ao acabar o expediente, as casas noturnas do centro estão de portas abertas. Bom divertimento.



Baladas do Baixo Augusta atraem os jovens para a região central

O homem que salvou um símbolo da cidade

Álvaro Aogas é o empresário da noite que se lançou ao desafio de reabrir um dos mais tradicionais bares de São Paulo, o Bar Brahma, localizado na mítica esquina das avenidas Ipiranga e São João

Urbs: Depois de ser fechado e ter mudado de nome, o Bar Brahma foi reaberto com o nome original e se tornou sucesso. Qual é o segredo?

Álvaro Aogas: Bem... são vários fatores. Acho que primeiro é importante dizer como eu cheguei aqui. Posso dizer que nasci no Centro de São Paulo porque meu pai sempre trabalhou no Centro. Ele foi camelô, trabalhou na "Porta de Ouro", na esquina da Rua Direita com a Praça da Sé e eu sempre acompanhei essa trajetória. Desenvolvi uma paixão pelo Centro. Sou do tempo em que a vida de São Paulo era o Centro. Os movimentos culturais, sociais e políticos se desenvolviam aqui. E o Bar Brahma participou de tudo isso. Toda a minha atividade profissional se desenvolveu no Centro. Eu comecei abrindo uma

pastelaria na Rua Senador Feijó, travessa da Praça da Sé, e cheguei a ter 15 casas de pastel espalhadas pelo Centro e adjacências. Em 1986, fiz uma viagem à Europa. Acabei ficando lá seis meses porque me encantei com o trabalho que eles faziam nos centros históricos das cidades, envolvendo entretenimento e gastronomia. De volta a São Paulo, abri um bar no largo Santa Cecília chamado Café São Paulo. Foi aí que eu comecei a me envolver bastante com a música.

Urbs: Sua atuação esteve sempre voltada para a área de bares e alimentação?

Aogas: Não, já tive vários negócios: *buffet* infantil, loja de antigas para *surf* etc. Sempre vivi empreendendo em várias áreas. Mas sempre no Centro de São Paulo.

“Há nove, dez anos, era impensável fazer uma pessoa sair dos Jardins ou de Moema para vir ao Centro. Mas nós fomos caminhando aos poucos e hoje ficamos abertos toda a semana.”



Foto: Daniel Campos

Urbs: Ok, Mas voltando à sua história...

Aoas: Eu abri o Calé São Paulo em 1991. Algum tempo depois fui abordado por um senhor quando trabalhava no caixa desse bar. Este senhor me disse: 'Você tem uma missão. Eu visitei todos os bares de São Paulo a procura de alguém que pudesse ressuscitar o Bar Brahma e acho que só você pode fazer isso'. Essa conversa ocorreu em 1999. O Bar Brahma tinha sido fechado no ano anterior. Eu estava em uma situação financeira difícil, mas a proposta foi marcante. Ocorreu de madrugada e veio de alguém que falava com muita convicção. Esse senhor era um frequentador assíduo do Bar Brahma – disse que estava presente na inauguração do bar – e um apaixonado pela cidade. No dia seguinte, eu falei com um amigo meu, o Luís Marcelo Lacerda, que é meu sócio até hoje, e fiz a proposta. Ele disse: estou junto. E viemos para cá.

Urbs: Para reabrir o bar vocês precisaram enfrentar algumas dificuldades, não é?

Aoas: Sim. O proprietário do imóvel, a empresa imobiliária Savoy, já tinha praticamente fechada a venda do prédio para uma igreja evangélica. Foi difícil executarmos nosso projeto de reabertura do Bar Brahma, mas um argumento muito forte que tínhamos a nosso favor era a possibilidade de revitalização que a reabertura do bar traria para a região. Isso foi decisivo para conseguirmos alugar o imóvel. Não tenho nada contra igrejas, mas pergunto: será que uma igreja evangélica, na esquina que é um símbolo da cidade, poderia ter o mesmo potencial de revitalização para a região? Acredito que não. Mesmo porque essa esquina da Ipiranga com a São João é, até historicamente, um local com vocação boêmia.



Urbs: E o modelo desse bar, como nasceu?

Aoas: Assim que conseguimos convencer a Savoy passamos a cuidar da instalação do bar e fizemos uma pesquisa com amigos, pessoas que passavam pela rua etc. A partir dessa pesquisa, descobrimos que o Bar Brahma está presente na cabeça das pessoas por meio de três pilares principais: a tradição (localização, a música de Caetano Veloso, os anos de atividade), o chopp Brahma e a música. Nesse último pilar apareceu com muita força na pesquisa: a associação do nome Bar Brahma com a Música Popular Brasileira.

Urbs: Qual a importância da música para o Bar Brahma?

Aoas: Existem bons bares e bebidas excelentes. Quando se fala do Bar Leo, aqui no Centro também, você lembra do chopp. Quando se fala do Pinguim, em Ribeirão Preto, também. Mas quando se fala do Bar Brahma, a lembrança marcante é a música, a esquina famosa. Por conta disso, a nossa ligação com a música é muito forte e nós aproveitamos muito bem isso. Fizemos a inauguração com os Demônios da Garoa e partimos para uma programação semanal desse grupo. Muita gente achou loucura ter os Demônios da Garoa toda semana. Mas a ideia era mesmo ter atrações tradicionais da cidade para transformar o lugar em um ponto turístico reconhecido em todo o Brasil.

Urbs: E a partir daí?

Aoas: Seguimos nossa estratégia, procurando fazer primeiro o que era mais fácil e deixando o mais difícil para

depois. Assim, começamos primeiro a funcionar às terças e quintas-feiras. No sábado, fechávamos porque as pessoas não vinham para o Centro aos sábados à noite. Há nove, dez anos, era impensável fazer uma pessoa sair dos jardins ou de Moema para vir ao Centro. Mas nós fomos caminhando aos poucos e hoje ficamos abertos toda a semana.

Urbs: Como é conciliada a agenda dos artistas com a programação do bar?

Aoas: É claro que para termos atrações de alto nível, como temos aqui, é necessário trazer as apresentações desses artistas para dias que não sejam muito nobres para eles. E nós conseguimos ter o Cauby Peixoto toda segunda-feira se apresentando aqui. Isso se tornou um costume. Todo mundo hoje sabe que se vier a São Paulo na segunda-feira poderá ver o Cauby no Bar Brahma. Ou seja: transformamos uma noite muito fraca de público em uma noite de bar cheio, sempre. E com o tempo, o sucesso traz mais pessoas ao bar, independentemente da própria atração musical. Na segunda-feira, hoje, temos o Cauby em um dos ambientes, mas os outros ambientes do bar também ficam lotados.

Urbs: Qual é a programação nos outros dias da semana?

Aoas: Temos sempre Demônios da Garoa, Jair Rodrigues, Originais do Samba e outros grandes artistas. Vindo ao Bar Brahma, você sempre vai ter boa música, em qualquer dia da semana.

Urbs: Como vocês conseguiram ocupar também essa es-



Foto: Delpati Oliveira

quina da Ipiranga com a São João, já que o Bar Brahma tinha entradas pela avenida São João e pela avenida Ipiranga, mas não tinha entrada pela esquina propriamente dita?

Aoas: No imóvel da esquina funcionava uma empresa de consórcio e nós sempre sonhávamos com o dia em que poderíamos ocupar a esquina inteira. Há uns quatro anos, eu cheguei aqui pela manhã e o prédio estava fechado, desocupado. Eu fui então até a Savoy e eles disseram que facilitaríamos a ocupação do local pelo Bar Brahma. Nós alugamos o local por um valor bastante vantajoso porque eles perceberam que o Bar Brahma se transformou em uma ferramenta de recuperação do Centro, uma região onde a Savoy possui muitos outros imóveis.

Urbs: Como surgiu a Esquina da MPB?

Aoas: Assim que nós alugamos a esquina, pensamos no que fazer naquele local, já que o Bar Brahma estava todo instalado na área original. Na realidade, a esquina em si, apesar da fama, pouco tinha a oferecer. As pessoas passavam por aqui, tiravam foto junto da placa das duas avenidas e só. Começamos a pensar em qual seria a vocação dessa esquina e chegamos à conclusão de que essa vocação era a música, a MPB, o turismo. Aqui você faz reservas em hotéis, compra ingressos para todos os shows da cidade e parte para passeios e tours pela cidade, já que muitos deles têm seu início aqui, no Bar Brahma. Então, nós criamos a associação chamada Esquina da MPB para promovermos eventos culturais como a mostra desse acervo de 40 mil fotos.

☞ Fala-se em projetos para a Cracolândia, na construção de condomínios empresariais e residenciais. Eu acho tudo isso muito positivo, mas antes, é preciso que o poder público realize os serviços que são inerentes a ele. Serviços essenciais, como segurança e limpeza. ☞

Urbs: Como é dirigida essa associação?

Aoas: Eu sempre trago para estas atividades, profissionais especializados. Para o planejamento e realização de atividades culturais, por exemplo, nós contamos com Anelise Godoy, da empresa de eventos culturais Philarmônia Brasileira. Ela é diretora cultural da Associação Esquina da MPB. Agora, nós estamos planejando criar uma Calçada da Fama só para astros da MPB.

Urbs: Além dessas suas ações, o que mais vem sendo feito nesse setor da música e da gastronomia para revitalizar o centro de São Paulo?

Aoas: Eu destaco dois grandes amigos, pessoas que eu

O Brahma: ponto de encontro de personalidades

O Bar Brahma é um dos mais tradicionais da cidade. Localizado na esquina das avenidas Ipiranga e São João, o bar foi fundado em 1948 e logo tornou-se um ponto de encontro de políticos, músicos, poetas, empresários e intelectuais. Entre os políticos, frequentaram o bar Adhemar de Barros, Jânio Quadros e Fernando Henrique Cardoso. Entre os artistas, eram visitantes frequentes Adoniran Barbosa, Orlando Silva, Ari Barroso e Vicente Celestino.

Na década de 90, porém o bar foi fechado e só reaberto em 2001 por iniciativa de Álvaro Aogas. A reabertura do Bar Brahma, além do seu valor simbólico, trouxe benefícios práticos para a cidade por meio da revitalização daquela região.

respeito e que fazem um excelente trabalho. A Lílian Gonçalves, com seu trabalho na rua Canuto do Val e o Walter Mancini, lá na rua Avanhandava. São lutadores que devemos admirar.

Urbs: Esse trabalho vem sendo reconhecido?

Aogas: Estamos recebendo, pelo segundo ano consecutivo, um prêmio do jornal DCI por estarmos entre as 30 empresas mais conhecidas do Brasil, ao lado de gigantes como a Nestlé, Natura, Volkswagen, Banco do Brasil, Votorantim. Se você analisar os investimentos dessas grandes empresas em marketing, é fácil avaliar o que representa estarmos entre elas.

Urbs: O sucesso do Bar Brahma levou a outros negócios?

Aogas: Sim. Hoje temos uma empresa a BB House, especializada em eventos de carnaval e somos a agência da Mangueira (Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira) no Rio de Janeiro. Temos também a agência Santa Arena, que vai realizar, no ano que vem, 150 rodeios em todo o país. Mas tudo isso surgiu a partir da nossa decisão de divulgar o Bar Brahma. Foi assim que estabelecemos uma parceria com a Brahma, que entramos no Carnaval e também na organização de shows e de rodeios.





Urbs: E os planos para o futuro?

Aoas: Nós temos outros bares em São Paulo. Tem o bar O Torcedor, no Pacaembu; o Bar Brahma Aeroclube, em Santana; o Zê Merino, na Vila Madalena; o Bar Brahma Brasília e outros. Devo abrir, em breve, um bar de chopp e churrasco em Moema e estamos indo também para Belo Horizonte. Tudo em função da divulgação do Bar Brahma.

Urbs: Como foi a história da parceria do bar com a Brahma?

Aoas: Quando eu assumi o bar, ele estava fechado e chamava-se São João 677. A marca Bar Brahma havia sido deixada de lado pelo antigo proprietário e a Ambev não tinha a intenção de liberar o uso do nome Bar Brahma para não associar sua marca a um empreendimento que poderia ser fechado etc. Daí eu convoquei uma coletiva de imprensa e anunciei que a parceria já estava fechada. A repercussão foi enorme e muito positiva. Isso acabou sendo decisivo para que eles concordassem no final, mas a negociação foi muito difícil naquela época. Felizmente, a parceria deu certo.

Urbs: Qual foi o investimento necessário para reabrir o Bar Brahma?

Aoas: Na época eu estava totalmente descapitalizado. Lembro que a gente montou um projeto no qual as pessoas podiam entrar como sócios, com participação de 10% a partir de um investimento de 50 mil reais. Ninguém quis. Eu tinha, para começar, os equipamentos da cozinha e 50 mil reais. Assim, começou o Bar Brahma.

Urbs: Ninguém quis a sociedade na época porque talvez não imaginassem o sucesso que o bar faria no futuro...

Aoas: Hoje eu recebo 30 mil pessoas por mês, realizo uma média de 140 shows por mês só nessa casa (o Bar Brahma da São João). Nós vendemos entre 90 e 100 mil copos de chopp por mês. No conjunto de nossas casas, realizamos cerca de 350 shows por mês. No ano que vem esse número deve subir para 700 shows por mês.

Urbs: Você acha que, hoje, investir na noite do Centro de São Paulo ainda é um bom negócio?

Aoas: Eu acho, Você vê, por exemplo, o que está acontecendo no chamado Baixo Augusta, parte da rua Augusta que vai da Avenida Paulista até a Praça Roosevelt. Há, nessa região, uma série de empreendimentos da noite que estão fazendo muito sucesso.

Urbs: Você acha que iniciativas como essa são suficientes para revitalizar o Centro?

Aoas: Esse é o trabalho de alguns heróis, como a Lillian e o Walter. Falta a presença do poder público. Fala-se em projetos para a cracolândia, na construção de condomínios empresariais e residenciais. Eu acho tudo isso muito positivo, mas antes, é preciso que o poder público realize os serviços que são inerentes a ele. Serviços essenciais, como segurança e limpeza. Existem muitos "inferninhos" que a Prefeitura, se quisesse, poderia fechar imediatamente, tamanha a quantidade de irregularidades que existem nesses locais. Mas eles continuam lá. Acho que é necessário, também, depois que esses serviços essenciais estiverem sendo prestados, que os projetos tenham continuidade e que não se altere tudo sempre que se muda a gestão municipal.

Urbs: Na sua opinião, os empresários devem continuar investindo no Centro?

Aoas: Acredito que a análise de um investimento não deva levar em conta apenas a possibilidade de ganhar dinheiro. Investir no Centro é também contribuir para que se avive na população um sentimento de orgulho para com a sua cidade, a sua história. Eu vejo a minha atividade assim e acredito nisso. O sucesso financeiro é consequência dessa atitude.

Boemia paulistana Tudo errado, mas tão gostoso...

Andar de bar em bar, namorar ou jogar sinuca noite adentro podem não ser exemplos de virtude para muita gente. Mas...



AMOR DE TRAPO E FARRAPO

☞ Amor de trapo e farrapo.
Tudo errado, mas tão gostoso.
(...)

Amor sereno, amor pirraça
Amor veneno, amor cachaça

Amor debaixo d'água, amor
no meio dos infernos

Amor de meter susto ao
Padre Eterno, já se vê

Só pode ser o amor
de eu e você! ☞

Paulo Vanzolini

Ninguém sabe para quem Paulo Vanzolini fez esses versos. Provavelmente, não foi para a cidade. Mas uma coisa é certa: eles bem que poderiam se aplicar à relação que os boêmios paulistanos têm com São Paulo. Um amor de trapo de farrapo. Uma história de bebedeiras, de decepções amorosas, de privações, de problemas familiares, sempre ambientados nas ruas e avenidas mais famosas da cidade. Uma história de vida confessadamente “errada” em muitas canções. Mas, acima de tudo, uma vida de grandes amores, de grandes amizades e, por que não, de grandes músicas e romances inesquecíveis. Enfim, tudo errado, mas tão gostoso...

Você pode não estar lembrado de Vanzolini, mas foi esse médico, diretor do Museu de História Natural de São Paulo, no bairro do Ipiranga, ao lado do Museu Paulista, quem compôs a música que é o símbolo da boêmia paulistana: a composição “Ronda”. Quem pode negar que a letra de Ronda resume a boêmia paulistana das décadas de 60 ou 70?

*Baladas, a novidade das
noites paulistanas no Centro*

Relembrando compositores como Vanzolini e escritores como João Antonio, autor do clássico da literatura “Malagueta, Perus e Bacanaço”, talvez possamos achar que tudo o que descreveram, literalmente em verso e prosa, pareça um pouco ingênuo comparado com a vida noturna cotidiana de hoje. Mesmo os casos de amor impossível, de desencontros, parecem absolutamente deslocados da vida noturna atual, onde jovens dançam em ambientes futuristas, tomam as chamadas bebidas energéticas misturadas às alcoólicas. Tudo muito diferente dos salões de dança, dos bares, do jogo de sinuca dos hoêmios de ontem. O próprio clima da noite é diferente. Drogas como o crack, a violência que substituiu os pequenos golpes de malandros contra os “otários” de ontem afastam muitas pessoas da boêmia da cidade.

Mas, engana-se quem achar que a vida noturna do Centro acabou em consequência dessas mudanças. Pelo contrário. A área central de São Paulo oferece opções para todos os gostos em termos de diversão noturna. Se pegarmos a região da Rua 13 de Maio, na parte que vai da rua Santo Antonio até a avenida Brigadeiro Luís Antonio, vamos encontrar uma série de restaurantes, casas de espetáculo e teatros bastante movimentados. Como o teatro Sérgio Cardoso, o Café Piu Piu e restaurantes como o Bassi ou a tradicional pizzaria Esperança, sem contar com as inúmeras cantinas e bares.

Continuando o passeio noturno, podemos encontrar, não muito longe do início da Rua 13 de Maio (de lá basta atravess-

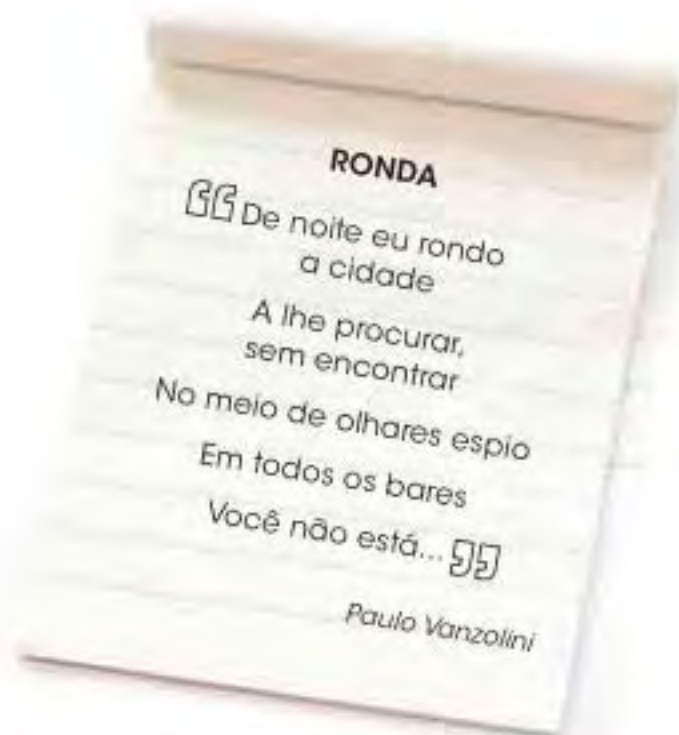


sar o Viaduto 9 de Julho), um complexo de casas noturnas e restaurantes em uma pequena rua onde já reinou absoluto o Gigeto, frequentado assiduamente pela classe artística, que se dividia entre esse restaurante e a lendária cantina D'Amico Piolin, no comezinho da Rua Augusta. Hoje transformada em *boulevard* pela iniciativa de Walter Mancini, do conhecido restaurante Família Mancini, a Avanhadava oferece opções de restaurantes, bares e até uma galeria de arte.

Bem perto dali, está a nova face da vida noturna da região central de São Paulo. São as casas e restaurantes do chamado Baixo Augusta, que se estende da Praça Roosevelt até a Avenida Paulista. Antes decadente, essa região – que já brilhou com o bar e restaurante Spazio Pirandello, que colecionava entre seus frequentadores nomes como Lula e Fernando Henrique Cardoso, além de escritores, artistas e jornalistas – hoje atrai os jovens para “baladas” em casas como o Vegas Club e o Tapas; boêmios e intelectuais em bares como o Leblon; e muita gente bonita em dezenas de casas e restaurantes que oferecem abrigo a todas as tribos: punks, roqueiros, público GLS, mauricinhos etc. Um restaurante que se destaca é o Z Carniceria, que foi montado no prédio de um antigo açougue e mantém as características originais do imóvel, mas, surpreendentemente, mantém poucos pratos de carne no seu cardápio.

Tudo aqui é muito moderno e bastante diferente – exceção à excelente gastronomia – do que encontramos na região da

Rua 13 de Maio e na Rua Avanhadava. Se falarmos, então, de outro ponto boêmio do Centro da cidade, o tradicional Bar Brahma, as diferenças são ainda mais marcantes. Fundado em 1948, o bar foi testemunha de fatos importantes da nossa história. Por lá circularam políticos como Adhemar de Barros e Jânio Quadros, artistas como Adoniran Barbosa, Orlando Silva, Ari Barroso e Vicente Celestino. O bar foi fechado na década de 90 em consequência da decadência do local, a esquina das avenidas Ipiranga e São João, cantada por Caetano Veloso em “Sampa” (Alguns fatos acontecem / no meu coração / que só quando cruzo a Ipiranga com a



Dois lados da noite paulistana no Centro: a modernidade e os bares tradicionais



Bar Brahma: uma aposta na tradição

Avenida São João...]. Houve uma tentativa frustrada de reabertura em 1997, sob o nome de São João, 667. Só em 2001, os empresários Álvaro Aoaas e Luís Marcelo Lacerda reabriram a casa com o nome original e uma certeza. Apostar no passado – ao contrário das casas do Baixo Augusta, que apostam na modernidade – na gastronomia e na música brasileira de nomes como Cauby Peixoto e grupos como “Demônios da Garoa”, ao lado de artistas mais jovens e de repertório variado, como Vanessa Jackson e Carolina Soares.

Continuando nosso passeio pela noite da região central da cidade, temos outro bar que aposta na música do passado, mais exatamente, em um ídolo de todos os boêmios; o cantor Nelson Gonçalves.

Ele reinou absoluto entre os anos 40 e 60. Cantou, em suas gravações, a história de boêmios, daquele tempo. Seu maior sucesso, lançado em 1957, a Volta do Boêmio composta por Adelino Moreira, é um hino da boemia, a consagração de um estilo de vida. Na letra, o cantor pede licença para voltar à vida boêmia, que havia abandonado pelo amor de uma mulher. E, o detalhe é que é essa mulher quem faz o pedido para que ele volte à boêmia, numa alusão de que o amado, liberto dos seus hábitos boêmios, se tornara uma pessoa infeliz.

Essa luta entre o amor de uma mulher e a constituição de uma família se opõe com frequência aos hábitos boêmios nas músicas da época. Que esposa gostaria de passar noites só, enquanto o cônjuge roda por bares, a procura dos amigos, se envolve com outras mulheres, perde dinheiro no bilhar?

Bem, assim eram os boêmios das canções de Nelson e de outros cantores da época. Hoje, Nelson é cultuado no Bar do Nelson, aberto por sua filha, a empresária Lillian Gonçalves, também conhecida pelo título de Rainha da Noite.

No bar, tudo lembra a vida do cantor. As mesas têm o tampo em formato de antigos LPs e as paredes, fotos do cantor com apresentadores da época, como Flávio Cavalcanti e Sílvio Santos. Há também uma linha do tempo mostrando a trajetória do boêmio Nelson.

O Bar do Nelson faz parte de um conjunto de casas noturnas, todas de Lillian Gonçalves, na Rua Canuto do Val, na Vila Buarque. Além desse bar, a rua conta com outras cinco casas e restaurantes que formam a Rede Bierska.

Mas não é só desses lugares – que concentram uma grande quantidade e variedade de casas noturnas e restaurantes – que se faz a noite paulistana no Centro. Não podemos



Bar do Nelson: boa gastronomia atrai movimento no Centro

esquecer dos boêmios de fim de tarde, nos seus “happy hours” como o do Salve Jorge, um bar da moda da Vila Madalena que abriu sua filial em plena praça Antonio Prado, bem no chamado Centro Velho e vive, para usar um termo da moda, “bombado” todos os dias. É quase impossível se encontrar uma mesa disponível em horários como o das 19 horas, por exemplo.

Outros bares também fazem parte dos roteiros boêmios da cidade como o Esquinhão do Fuad, na Martim Francisco, Santa Cecília; o inesquecível Bar do Zé, na Maria Antonia e mesmo o boteco Estadão, que estrategicamente localizado na confluência da Consolação, Major Quedinho e Maria Paula, vara as noites para abrigar e alimentar, com lanches rápidos, gráficos e jornalistas do Diário de S. Paulo.

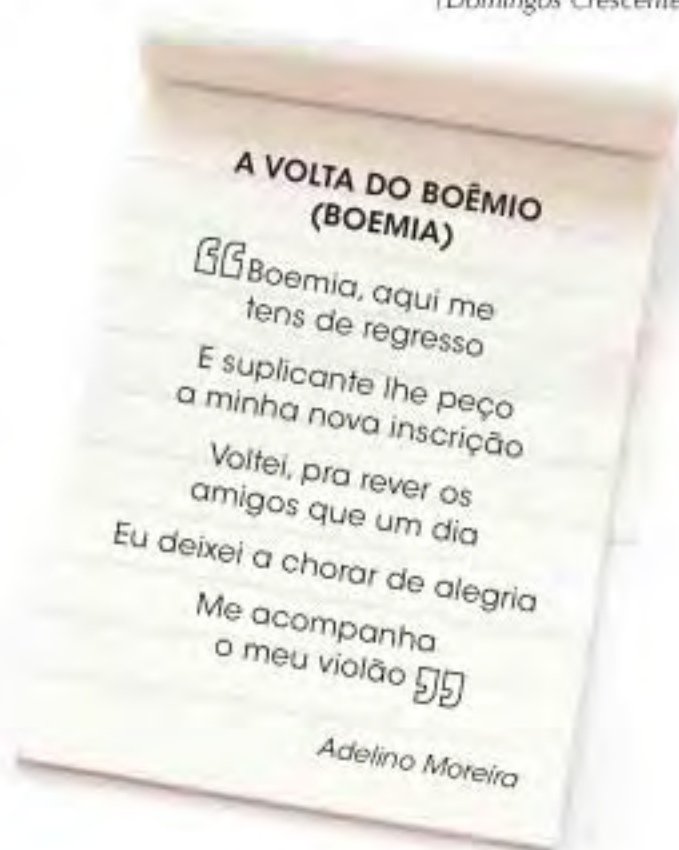
Estes locais da área central da cidade são como pólos aglutinadores de quem vive na noite, sejam boêmios ou trabalhadores que exercem sua função durante a noite. E são locais que também foram temas de canções de sucesso. Caetano Veloso elegeu a esquina da Ipiranga com a São João em “Sampa”; Vanzolini, a Avenida São João em “Ronda”, a Praça Clóvis Bevilacqua em “Praça Clóvis” ou a cidade em si em “Longe de casa eu choro”; Adoniram Barbosa, em “Trem das Onze” e assim por diante.

Muitas são as canções que mostram a vida – e principalmente – a vida boêmia em São Paulo, descrevendo a luta para conciliar boêmia e família, amor e bebida, sonho e realidade.

Mas ser boêmio, não é freqüentar bares e beber com ar de tristeza. Para definir o que é ser boêmio, nada melhor que um verso do próprio Vanzolini na composição “Falso Boêmio”:

Ser boêmio é diferente:
É viver liricamente,
Padecendo com grandeza.

(Domingos Crescente)





Uma cidade de luzes



Formado em Comunicação Social, Zé Pedro Russo atua na fotografia desde 1996, quando ingressou no estúdio de Eduardo Castanho. Trabalhou como assistente por alguns anos, até que entrou na área comercial da fotografia em 2002. Atende a clientes empresariais, indústria e comércio dentro da fotografia de estúdio.

Juntamente ao coletivo ROLÉ.art.br começou a criar um corpo de trabalho autoral (do qual estas imagens pertencem), porém se desligou do grupo em 2009. Esteve ao lado do fotógrafo Otto Stupakoff, em 2006, durante o curso Master, pela Panamericana. Neste curso, aprendeu certos valores da fotografia, além de fazer uma imersão na obra de grandes mestres, como Weston, Stieglitz, Newton, Bresson, entre outros.

Aos 34 anos, Zé Pedro está sempre na estrada. Fotografa muito o Brasil para acervo autoral e também para o banco de imagens Sambaphoto. Em 2009, foi finalista do Fotoarte Brasília, do 2º Concurso Nacional Abrate e do III Salão de Fotografia do Mar.

Desde 2008, Zé Pedro fotografa em 360 graus, sendo um dos poucos especializados nesta área da fotografia. Inovou em 2009 ao realizar o primeiro ensaio editorial usando tecnologia 360VR para a Editora Rickdar.

Para saber mais sobre Zé Pedro Russo, acesse www.zpr360.com.

e sombras sobrepostas















O Metrô que você não vê

Enquanto você dorme, os funcionários do Metrô de São Paulo correm para lhe entregar um transporte seguro e eficiente no dia seguinte. A equipe da Urbs foi convidada para enfrentar uma madrugada de trabalho junto com a equipe de manutenção e pode ver um pouco do que acontece longe dos olhos dos passageiros

Pelo alto-falante, uma voz masculina anuncia: “Atenção, encerramos agora nossa operação. O Metrô voltará a funcionar às 4h40 da manhã. Boa noite a todos”. A mensagem que viaja por cada uma das 55 estações marca o fim de mais um longo dia de trabalho no Metrô de São Paulo. Apesar do aparente clima de fim de expediente que recai sobre as imensas galerias subterrâneas espalhadas por toda a cidade, no Metrô não há tempo para descanso. Logo depois que os portões são fechados, que cada um dos trens conclui sua viagem e o último passageiro é entregue em seu destino, uma nova maratona recomeça para os mais de 350 funcionários da equipe de manutenção no início de cada madrugada.

Como o Metrô funciona continuamente das 4h40 à 0 hora (e mais alguns minutinhos, dependendo da estação e do dia da semana), o período da madrugada é o único disponível para que a equipe de manutenção possa fazer seu trabalho, sobretudo nas vias de tráfego. Somente com o trânsito dos trens paralisado e com a desenergização dos trilhos é possível trabalhar com total liberdade em áreas que, no horário comercial do Metrô, representariam morte certa para qualquer um que se aproximasse.

Aliás, transitar pelas áreas de segurança do Metrô, diga-se de passagem, é uma curiosa experiência para os marinhairos de primeira viagem. A equipe de reportagem da Urbs, por exemplo, enfrentou uma estranha sensação ao ultrapassar a tão falada faixa de segurança da estação, descer pela plataforma de embarque e caminhar sobre os trilhos. Mesmo contando com o consentimento e a supervisão de toda equipe do Metrô, não há como não vacilar no momento de se aproximar do terceiro trilho – que funciona



Foto: David Crescente

Equipamentos especiais vistoriam, a cada dois dias, todos os mais de 60 quilômetros do Metrô

com alta tensão –, sobretudo diante de tantas placas advertindo sobre o risco de se descer até a via.

Na verdade, conforme foi explicado mais tarde, não existe risco nenhum de ser eletrocutado no período de manutenção da madrugada porque existe um mecanismo nas subestações que impede a energização da linha, mesmo que o sistema central acidentalmente envie uma ordem contrária.

Desgastante

A jornada da equipe da Urbs começou na Estação Guilhermina-Esperança, na Zona Leste de São Paulo, onde uma equipe de oito funcionários realizava a substituição da chamada “ponta de rampa” do terceiro trilho, uma barra metálica de cerca de 15 metros situada na extremidade do terceiro trilho. De tempos em tempos, essa peça precisa ser substituída porque sofre um desgaste maior no momento em que o trem está saindo da plataforma de embarque.

“Uma peça como essa dura alguns anos e existem diversas ao longo da via. Agendamos inspeções técnicas regularmente para acompanhar a sua situação. Quando o limite técnico de desgaste de uma delas está próximo, nós fazemos a substituição”, explica Igor Baria, engenheiro de manutenção da companhia.

Segundo ele, cada um dos equipamentos do Metrô é substituído dentro de uma determinada periodicidade, dependendo de sua longevidade. Existem cerca de 50 equipes como essa, compostas por mecânicos, eletricitas, soldadores, etc., trabalhando simultaneamente no sistema durante a madrugada. Existem também as equipes de inspeção que percorrem a via para se certificar que tudo funciona perfeitamente, além de fornecer as informações que serão úteis no planejamento da substituição das peças. “Todas as noites eles circulam na via verificando trilhos, fixação, dormentes, terceiro trilho, iluminação... Todos os pontos que eventualmente possam apresentar alguma falha. É um trabalho contínuo e diário de inspetores que são treinados para enxergar problemas – ou futuros problemas – e nos avisar para que a equipe de manutenção atue neles”, explicou Baria que garantiu: “A cada dois dias, todos os 61,3 km da via são inteiramente vistoriados, milímetro a milímetro.”

Questão de milímetros

Além de evitar problemas substituindo os equipamentos do Metrô à medida que eles vão se desgastando, a equipe da madrugada também mantém uma rotina para a correção das deformações milimétricas dos trilhos que ocorrem com o passar do tempo. Pode até parecer insignificante aos olhos leigos, mas o nivelamento do trilho é um fator importantíssimo para evitar a trepidação do trem e o bom funcionamento do sistema. “Quando a via é construída, ela tem uma altura e um alinhamento que deve ser mantido. Com o tempo, os dormentes se acomodam sobre as britas e a via lentamente vai abaixando”, explica Baria. O Metrô conta com um equipamento especialmente desenvolvido para executar essa tarefa com uma precisão assombrosa. “De acordo com a programação feita no computador de bordo, a máquina é capaz de corrigir a via em exatamente um único milímetro, se for necessário”, ensina o encarregado de manutenção Sílvio Franco.

Basicamente, o trabalho realizado por esse equipamento consiste em suspender a via através de um gancho na exata medida para que ele atinja sua posição original. A partir daí, para sustentar os trilhos naquela posição, a máquina

Trabalhos de manutenção e reparos é constante durante toda a noite





Essa máquina é responsável por manter o alinhamento correto dos trilhos. Ela pode detectar diferenças milimétricas

comprime o lastro da via – feito de britas – sob os dormentes. Uma equipe especializada em avaliar a topografia da via percorre constantemente a trajetória dos trens e informa onde o equipamento será necessário.

Nos embalos da madrugada

Para transitar de um lado para outro da via e superar as longas distâncias que separam uma tarefa e outra, as equipes de manutenção viajam em caminhões adaptados para correr sobre os trilhos do Metrô. A equipe da Urbs também viajou no baú de um desses veículos e lá encontrou uma garrafa térmica de café companheira dos que não estão acostumados a atravessar a longa madrugada em claro. Sucessos populares que tocavam num rádio portátil embalavam o ritmo das conversas noturnas.

Neste interim, Baria revelou que o expediente da equipe de manutenção começa às 23h, quando o Metrô ainda está funcionando normalmente. Deste momento até à 1 hora, quando a via está finalmente livre para receber a manutenção propriamente dita, o funcionário deve preparar o material que será usado nas tarefas do dia e se deslocar até onde ele trabalhará naquela madrugada. Antes das 4h30, todos os serviços deverão estar concluídos porque a via voltará a ser ocupada pelos trens. Deste momento até o final de seu

expediente, o funcionário se desloca até seu posto de trabalho e inicia a preparação para as tarefas do dia seguinte. Baria também lembrou que ao longo do dia, uma equipe de manutenção fica de plantão para o caso do sistema apresentar algum problema. Além dos trabalhos na via, as equipes de manutenção também estão nas oficinas do Metrô, que produzem boa parte dos equipamentos utilizados pela companhia em São Paulo.

A atuação preventiva é o segredo da eficiência da equipe de manutenção do Metrô. As tarefas mais comuns realizadas pela equipe da madrugada são a manutenção dos trilhos e fixações, do sistema terceiro trilho, dos aparelhos de mudança de via, da iluminação, sinalização de via, a substituição do trilho, a correção do nivelamento da via e a substituição de brita. Substituição de brita?

Aparando as arestas

A última parada da equipe de reportagem foi para acompanhar a curiosa tarefa de substituição das britas da via. Em um espaço de aproximadamente 30 metros, um grupo de dezenas de operários retirava as antigas britas da via e as despejava em caçambas. Assim que o serviço de retirada foi concluído, novas pedras foram jogadas onde estavam as novas. Afinal, o que há de errado com as pedrinhas antigas

para que fosse necessário trocá-las? É evidente que elas têm lá a sua importância, mas será que é preciso mesmo trocar as britas velhas? “É claro que sim”, enfatizou Baria. Segundo ele, com o passar do tempo, as arestas da brita vão ficando arredondadas e deixam de servir como um ponto de sustentação firme e estável para a acomodação dos trilhos. Diante desse fato, descobriu-se que até mesmo as inocentes pedrinhas da via têm um limite de vida útil. Intrigante!

Com o fim dos trabalhos daquele dia, as equipes se retiraram, as linhas são energizadas novamente e os trens recomeçam seu ritual de cortar a cidade de ponta a ponta. Embora nem mesmo a madrugada tenha terminado, o Metrô já está pronto para reabrir seus portões e encarar mais uma maratona de leva e traz de passageiros. Neste momento, a voz do alto-falante retoma triunfalmente a soar pelos corredores das estações em tom revigorado. “Sejam bem-vindos ao Metrô de São Paulo. Estamos começando agora nossa operação. Um bom dia a todos.”
(Adilson Fuzo)



Foto: Daniel Criscento



Um olhar imprevisível sobre a noite no Centro

Por Enio Moro Junior*

Sinto-me confortável em falar sobre a noite no Centro pela razão mais óbvia: moro lá! Desde os tempos de faculdade, há saudosos 20 anos, sempre pulei nas redondezas do Centro: na Caio Prado, Barata Ribeiro e Frei Caneca. Em 2005, com minha mulher, que também é arquiteta, esperávamos nosso primeiro filho quando iniciamos a procura de um apartamento na avenida que consideramos a mais bonita de São Paulo, a Av. São Luís.

Após procurar por anúncios e imobiliárias, só achávamos apartamentos enormes, com problemas de documentação e com preços nas alturas. Vale lembrar um proprietário do Edifício Eiffel (Praça da República) que não possuía CPF ou ainda uma moradora do Edifício Ouro Preto (Av. São Luís) que possuía uma mal redigida procuração de um suposto verdadeiro proprietário redigida ainda no século passado!

Nossa procura adquiriu-se quando entramos na melhor rede de oportunidades de compra e venda de imóveis no Centro: os porteiros e os zeladores. Rapidamente então encontramos nosso apartamento, por preço ainda razoável e estamos lá até hoje (ajora com 3 filhos!!!).

Nosso prédio é fantástico: não possui nada que aumente o valor do condomínio, como piscina, Espaço Gourmet, sauna. Outra característica é que por uma questão de projeto e de segurança contra incêndios, não existe ligação interna entre a garagem do prédio e o saguão de entrada. Assim, quando não estamos de Metrô e usamos o carro, devemos andar pouco mais de 100 metros entre a garagem e a entrada do edifício residencial. Esta situação desmontou nossa apreensão de andar a pé a noite por lá. Sou professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo e várias noites chego em casa após as 23h. Na primeira noite lá estava eu: livros, notebook, carteira, documentos. Pensei por alguns instantes que não sobreviveria entre a garagem e a minha casa. Pura bobagem: tudo muito bem iluminado, calçadas cheias, sensação de segurança, muita gente andando por lá. Hoje passeio muito a noite, inclusive com meus filhos. Quem sabe não os levarei de novo para ver a decoração de Natal da São Luís que mais uma vez está muito bonita.

A noite no Centro para seu morador é a mais completa experiência urbana que conheci: lojas 24h, farmácias, gente, bares, cinemas, restaurantes e o melhor: tudo a pé!

Outra coisa legal é a relação de vizinhança. Conheço todos meus vizinhos (nunca consegui isso antes), e sou conhecido nos meus arredores como o pai do Francisco, do Antonio e da Rosa. Eles ainda brincam de bicicletinha na Praça Dom José Gaspar. Aceitam um café no Suplicy?

* Enio Moro Junior, é Arquiteto e Urbanista da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, coordenador do IURB (Instituto de Estudos Urbanos de São Paulo) e Professor Doutor do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

(O texto foi escrito em dezembro de 2009)

**BELAS
ARTES**

ENSINO
COM PERSONALIDADE
WWW.BELASARTES.BR

Toda ideia
precisa de
Cuidados.
O que você tem
feito com as suas?



Processo Seletivo 2010

PROVA AGENDADA • TRANSFERÊNCIA • PORTADOR DE CURSO SUPERIOR

Você sabia que a Belas Artes foi eleita a melhor instituição particular do Brasil nas áreas de Artes, Design Gráfico, Design de Produto, Design de Moda, Design de Interiores e Arquitetura e Urbanismo pelo Prêmio Melhores Universidades Guia do Estudante 2009?

MELHORES UNIVERSIDADES 2009	
Arquitetura e Urbanismo	★★★★
Artes Visuais	★★★★
Design de Interiores	★★★★
Design de Moda	★★★★
Design Gráfico	★★★★
Design de Produto	★★★★
Publicidade e Propaganda	★★★★
Relações Internacionais	★★★★



GRADUAÇÃO • PÓS-GRADUAÇÃO • CURSOS LIVRES
ARQUITETURA E URBANISMO • ARTES VISUAIS • DESIGN GRÁFICO
DESIGN DE INTERIORES • DESIGN DE MODA • DESIGN DE PRODUTO
FORMAÇÃO DE PROFESSORES • PUBLICIDADE E PROPAGANDA
RÁDIO E TV • RELAÇÕES INTERNACIONAIS • RELAÇÕES PÚBLICAS

INSCRIÇÕES ABERTAS

WWW.BELASARTES.BR • 0800 772 5010



bibliotecas
certificadas
ISO 9001:2000
desde 2004



Desbravando o próprio quintal

Que tal ser turista na cidade onde você vive, no bairro onde você trabalha e nas ruas que você frequenta? Os infinitos roteiros da Caminhada Noturna pelo Centro fazem até mesmo o mais paulistano dos paulistanos redescobrir a cidade a cada semana

É quinta-feira e à medida que o sol se põe e a noite vai nascendo, um burburinho vai se formando em frente às escadarias do Teatro Municipal. O vai e vem daqueles que voltam para casa depois de um dia de trabalho é tão intenso que poucos são os que percebem que algo especial vai acontecer ali. Quando o relógio anuncia as 20 horas, o grupo está completo. É hora de cada um vestir seu colete amarelo e esticar as pernas. Vai começar mais uma edição da Caminha Noturna pelo Centro.

Ninguém precisa pagar nada para participar. Basta trazer um pouco de disposição para bater pernas e o passeio se torna diversão garantida para quem tiver o coração aberto para conhecer o íntimo da cidade. O clima é sempre animado no ponto de encontro, nas escadarias do Municipal, onde os participantes recebem as primeiras instruções e conhecem o guia de turismo que os conduzirá durante a jornada Centro adentro. Ao final do percurso de duas horas, o grupo retorna às portas do teatro para as despedidas. Não há como permanecer indiferente.





Foto: Daniel Crescente

Passeios monitorados: os roteiros nunca se repetem

Até mesmo para aqueles que repetem o passeio semana a semana, a caminhada é sempre surpreendente, porque os roteiros nunca se repetem. Desta forma, uma nova faceta da cidade surge aos olhos dos frequentadores a cada quinta-feira. A quantidade de participantes que compõem os grupos varia muito de uma época para outra, oscilando entre 20 e 40 pessoas na maioria das vezes.

Não há como traçar um perfil do tipo pessoa que costuma fazer o passeio, porque o universo de frequentadores da caminhada é tão heterogêneo quanto o universo de frequenta-

dores do próprio Centro. Há crianças, jovens, adultos e idosos. Há casais casados, casais juntados, casais namorados, casais ficantes, solteiros convictos, solteiros à procura, viúvos e desquitados. Há ricos, pobres, classe média, emergentes e decadentes. Há religiosos, acadêmicos, trabalhadores, empresários, estudantes, e por aí vai a lista... Magicamente, um fio de paulistanidade amarra o grupo ao longo do trajeto, por mais diverso que seja, e o entrosamento se torna um passo natural.



Combustível moral

“Este prédio aqui, o do Teatro Municipal, foi inaugurado em 12 de setembro de 1911. Esta data foi marcada pelo primeiro congestionamento de São Paulo, pois todos que tinham automóvel na cidade resolveram vir para cá”, conta Laércio Cardoso de Carvalho, o guia turístico que hoje faz a maior parte das apresentações nas caminhadas. Apesar dos roteiros serem diferentes a cada semana, a primeira história, sobre o tal congestionamento histórico, acaba se repetindo com frequência, já que o ponto de partida é sempre o mesmo.

De microfone em punho, Laércio vai puxando o grupo rua por rua, quadra por quadra. Aos poucos, vai apontando os prédios mais conhecidos e revelando suas respectivas histórias. Surgem pelo caminho também os fantasmas de homens e mulheres que emprestam seus nomes para batizar as ruas e praças do Centro, como o jornalista Giovanni Battista Libero Badaró, o arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, o imperador D. Pedro II, o político Quintino Antônio Ferreira de Sousa Bocaiúva, o empresário Armando Álvares Penteado etc. A história de cada personagem puxa uma teia repleta de outros nomes, acontecimentos inusitados e fatos extremamente importantes aos quais nunca demos a devida atenção nos tempos de escola. Conforme o roteiro vai se desenrolando, é natural que os participantes se perguntem: Como é possível viver por tanto tempo nessa cidade sem nunca ter ouvido essas histórias incríveis?

Mas nem só de personagens históricos vive a Caminhada Noturna pelo Centro. Um deles é Carlos Beutel, ou simplesmente Carlinhos para os frequentadores do passeio. Ele foi um dos idealizadores do projeto, ao lado de Nadir Khouri, Carmen Gimenez e Ângela Carrocelli Kleber. Nas primeiras edições do passeio, em 2005, Carlinhos e Ângela exerciam o papel de guia. Como a tarefa estava ficando desgastante, afinal cada um dos organizadores tinha seus afazeres do dia-a-dia para cuidar, Carlinhos decidiu investir em guias turísticos profissionais. Todas as despesas geradas pelo evento semanal ficam por conta do restaurante vegetariano de Carlinhos, o Apfel, que se tornou patrocinador da Caminhada. O apoio institucional fica por conta da Ação Local da Barão de Itapetininga.

“Eu considero um pecado deixar de ajudar quando isso está ao meu alcance”, revela Carlinhos ao falar sobre o patrocínio. “Se cada um de nós oferecesse uma contribuição voluntária e amorosa para o bem da coletividade, nosso planeta estaria bem melhor”. Na verdade, a contribuição de Carlinhos está muito além da ajuda financeira. Seu entusiasmo pela cidade e pela Caminhada fornece o combustível necessário para que os encontros do grupo não caiam na rotina. “São Paulo é maravilhosa e não perde em nada para nenhuma outra grande cidade do mundo. Precisamos reconquistar a auto-estima que perdemos nos anos 70 e 80 e continuar contribuindo pela recuperação do Centro”.

Figurinhas carimbadas

Com o passar das quintas-feiras, alguns dos participantes que faziam repetidamente o passeio começaram a estabelecer laços de amizade paralelos. Aos poucos, foram se multiplicando os contatos pela internet e os telefonemas ao longo da semana, os encontros paralelos para ir a teatros, museus e cinemas. Quando caíram em si, haviam formado uma turma de amigos que permaneceria junta independentemente do calendário da caminhada. “Eu já não sei dizer se essa turma do gargarejo é de dez, vinte ou trinta pessoas. Alguns deles são presença garantida na quinta-feira. Outros já frequentaram assiduamente, depois sumiram por um tempo, e agora aparecem esporadicamente. Existem até histórias de pessoas que se conheceram durante a caminhada e depois se casaram”, relata Carlinhos com certo orgulho.

O fato é que os frequentadores da Caminhada contribuem sempre que podem ajudando a divulgar o evento, seja no boca-a-boca, seja pela internet, cedendo textos e fotos para alimentar o site do passeio. Eles também administram uma comunidade virtual no Orkut que já reúne mais de 170 internautas.

Outra figura que vem marcando presença nos últimos encontros é Robson Correia de Mendonça, que é coordenador geral do Movimento Estadual da População em Situação de Rua de São Paulo e aproveita suas quintas-feiras para acompanhar a Caminhada. Ao longo do trajeto, Robson é convidado duas ou três vezes pelo guia para dissertar rapidamente sobre o que está sendo visto no passeio. Como

resultado, o ex-morador de rua envolve todos no ritmo de versos improvisados que quase sempre misturam uma crítica sagaz à sociedade com um discurso pela moralização da política no país.

Temperando

Cada quinta-feira um roteiro, cada quinta-feira uma história. Acontecimentos inesperados ao longo dos passeios dão um tempero realístico para a caminhada. Num dos eventos acompanhados pela equipe da Urbs, por exemplo, um morador de rua alcoolizado se aproximou do grupo durante uma exposição sobre a Marquês de Santos e interrompeu Laércio. “Tá, tá, você já falou bastante, agora me dê aqui o microfone, me deixe cantar...” Em outro encontro, semana depois, um dos participantes cumpriu toda a trajetória da caminhada afirmando ser um travesti, fazendo amizade com as pessoas e contando histórias sobre seus clientes. Ao final do passeio, o tal travesti revelou que na verdade era uma atriz que queria testar a reação das pessoas, “É o tipo de coisa que poderia acontecer em qualquer lugar, porque faz parte da nossa cidade. Nós vivemos no mundo, e não num condomínio fechado, não é mesmo?”, indaga Carlinhos,

Convidados especiais também ajudam a dar um sabor especial para cada edição do encontro, palestrando para os participantes da Caminhada. Para acompanhar um roteiro que passava pela Nova Luz, por exemplo, foi convidado o urbanista Nabil Bonduki. Em outra edição, o convidado foi José Roberto Sadek, que falou sobre as obras da Secretaria de Cultura no Centro, sobretudo na área da Praça das Artes. Também já participou da Caminhada o escritor Laurentino Gomes, autor do bestseller 1808, assim como o artista plástico Antônio Peticov, que dissertou sobre o Movimento Antropofágico.

Quando a jornada vai se aproximando do fim, os participantes marcham de volta para a escadaria do Teatro Municipal. Enfim, os últimos avisos e o grito de guerra que marca o fim do encontro. Antes que o ambiente seja tomado pela melancolia das despedidas, porém, Carlinhos dá sua última cartada para animar a noite. “Ei, que tal se nós fossemos agora comer uma pizza?” Alguém aceita? (Adilson Fuzo)



A Faculdade de Direito da USP, no Largo São Francisco



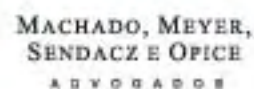
O prédio do Tribunal de Justiça e, abaixo, a Catedral da Sé



O CENTRO É A MARCA DA CIDADE.
COLOQUE TAMBÉM A SUA MARCA NO CENTRO.



Principais Patrocinadores





No mundo inteiro, o centro confere identidade e marca às metrópoles.

Com o apoio de importantes empresas e organizações da sociedade civil, a Associação Viva o Centro vem colaborando com os poderes públicos na recuperação e na requalificação do Centro de São Paulo.

Coloque também a marca de sua organização nessa história de sucesso.

Associe-se à Viva o Centro.



Viva o Centro
São Paulo

Rua Libero Badaró, 425
4º andar - Centro - São Paulo/SP
CEP 01009-000

Fone: (11) 3556-8999

www.vivaocentro.org.br

GRANADEIRO  GUIMARÃES
1944 1988

UNIESP

SONIA MARQUES
DÖBLER Advogados

 universidade
anhembi
morumbi
Licenciada Internacional | Universidade
Mudanças criativas e inovadoras


Apoio Operacional

100
ANOS



PINHEIRO NETO ADVOGADOS

PROCESSEWORKHOUSE COPERS 

 **AASP**
Associação dos Advogados
de São Paulo



 SINDICATO DE
ESCRITORES,
EDITORES, IMPRESORES,
GRÁFICOS E SIMILARES
DE SÃO PAULO

 **UnG**
Sua Universidade. Sua Carreira.
0800 10 80 32 | www.ung.br



Escrita de arquiteta

LINA POR ESCRITO – TEXTOS ESCOLHIDOS DE LINA BO BARDI

de Silvana Rubino e Marina Grinover (org)

Editora: Cosac Nauff, 200 páginas

Por Domingos Crescente

O belo edifício do Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista, é a obra mais conhecida da arquiteta italiana, depois naturalizada brasileira, Achillina di Enrico Bo Bardi. Mas, Lina, como era chamada, sempre teve uma atuação marcante e muito importante na vida cultural brasileira. Não apenas concebendo projetos construtivos, mas também produzindo artigos e conferências, participando de debates e lutando pela concretização das ideias propostas pela arquitetura moderna.

Por isso, esse livro organizado pela professora Silvana Rubino, do Departamento de História da UNICAMP e conselheira do IPHAN e pela arquiteta e professora da Escola da Cidade, Marina Grinover, é essencial para se entender o pensamento, a trajetória e a importância de Lina para a arquitetura e para a vida cultural brasileira. O livro “Lina por escrito”, editado pela Cosac Nauff, com os principais artigos escritos pela arquiteta, surpreende agradavelmente o leitor desde o início, em função da completa apresentação escrita por Silvana Rubino.

Neste texto de abertura, na realidade um indispensável preparo para a posterior leitura dos artigos de Lina, Silvana descreve a chegada da arquiteta ao Brasil, destaca a sua formação acadêmica e os trabalhos que desenvolveu na Itália. Um ponto importante dessa abertura é a disposição com que Lina entrou no debate das ideias e propostas da arquitetura moderna, celebrada no Moma (Museu de Arte Moderna da Nova York) com a exposição *Brazil Builds: Old and New*,

de 1943, e na revista *L'Architecture d'aujourd'hui*, editada por seu marido Pietro Maria Bardi.

“Entrou no debate com alguns projetos e muitas palavras”, diz Silvana antes de mostrar que Lina, apesar de projetos marcantes, não construiu muito e escreveu com intensidade. A organizadora dessa coletânea dos escritos de Lina Bo Bardi lembra que arquitetos não se expressam apenas por meio de imagens, croquis, volumes, mas também por meio da escrita. E cita que um dos mais importantes arquitetos do século XX, Le Corbusier, escreveu mais de 50 livros. Nota que em momentos cruciais da história arquitetônica – como o movimento moderno nos anos 1910-20 e o movimento pós-moderno nos anos 1960 – não há como negligenciar a importância dos textos, artigos e manifestos.

Entre os artigos que compõem esse livro encontram-se escritos para as revistas italianas e brasileiras, catálogos de exposições e palestras. Os primeiros artigos, nota Silvana, foram escritos ainda na Itália, no período da guerra e apresentam um tema que a acompanharia por toda a vida: a casa, o como morar bem e o morar moderno.

Um exemplo é o artigo escrito para revista *Domus*, de Milão, cidade onde Lina trabalhou com Giò Ponti e começou a sua trajetória profissional, depois de concluir o curso na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma. Nesse artigo intitulado “Arquitetura e Natureza: a casa na paisa-

gem”, Lina diz que “a arquitetura moderna trouxe à precisa relação entre de técnica, estética e função aquele complexo organismo que é a casa, e estabeleceu uma estreita relação entre esta e a terra, a vida, o trabalho do homem”.

É também da revista *Domus* o artigo “Disposição dos ambientes internos”, onde a arquiteta analisa interiores e mobília em relação às novas formas de vida que começavam a surgir. Essa visão da casa em função da vida dos que a habitam está presente também em artigo publicado em 1947, quando Lina já estava no Brasil. Nesse artigo, intitulado “Na Europa, a casa do homem nuu”, Lina mostra como a guerra destruiu mitos, monumentos, crenças e a ideia de que as casas devem expressar poderio, influência e desperfícios. Para ela, as casas destruídas na guerra mostraram para o homem que eles não deveriam mais construir casas para ostentar, mas casas para morar.

“Foi então, enquanto as bombas demoliam sem piedade a obra e a obra do homem, que compreendemos que a casa deve ser para a ‘vida’ do homem, deve servir, deve consolar; e não mostrar, numa exibição teatral, as vaidades inúteis do espírito humano...”, escreveu ela.

Para a arquiteta, essa visão funcional da casa teria que se aplicar também à mobília. “... os móveis-monumentos não devem existir mais (...) os móveis devem ‘servir’, as cadeiras para sentar, as mesas para comer, as poltronas para ler e repousar, as camas para dormir...”, escreveu.

As obras no Brasil

Lina Bo Bardi não chegou a executar projetos construtivos na Itália. Mas muitas das ideias apresentadas em seus artigos nas revistas italianas tomaram forma no Brasil. É o caso da chamada “Casa de Vidro”, no bairro paulistano do Morumbi, que serviu de moradia para o casal Bardi.

Muito já se escreveu sobre a Casa de Vidro. Muitos artigos descrevem a obra, ressaltando detalhes arquitetônicos, como a escada “frágil, de ferro que é deixada como uma descida do tombadilho para a terra”, como notou com perspicácia Dick van Gameren, arquiteto e titular do *Architecten Groep*, em Amsterdã, Holanda, em texto publicado pelo site *Vitruvis*. Mas em “Lina por escrito” é possível ler a opi-

ção da própria autora sobre a obra, sobre as motivações e ideais que basearam o projeto.

Tudo isso está no artigo “Residência do Morumbi”, publicado na revista “*Habitat*” no início de 1953. Neste artigo, a arquiteta deixa claro que não procurou efeitos decorativos ou de composição na obra e explica que o principal objetivo era criar “extrema aproximação com a natureza. “O problema era criar um ambiente fisicamente abrigado, isto é, onde viver defendido da chuva e do vento, participando, ao mesmo tempo, daquilo que há de poético e épico, mesmo numa tempestade”, escreveu.

Lina diz ainda que procurou situar a casa na natureza, “participando dos ‘perigos’ sem se preocupar com as ‘proteções’ usuais”. E para provar, completa dizendo: “... a casa, de fato, não tem parapeitos”.

Outra obra, talvez a mais conhecida, de Lina é a sede do Museu de Arte de São Paulo, na Avenida Paulista. Lina dedicou a esta obra um artigo na revista “*Mirante das Artes*” onde descreve todos os acontecimentos relativos a ela, desde 1957, quando foi demolido o velho Trianon, até 1967, quando foi inaugurado o prédio do Museu.

O artigo é uma aula de história, envolvendo personalidades da época, como o então prefeito Adhemar de Barros; seu secretário de Obras, o engenheiro José Carlos de Figueiredo Ferraz; o presidente do museu e do grupo de jornais *Diários Associados*, Assis Chateaubriand; e Edmundo Monteiro, diretor dos *Diários*.

Recheado de informações peculiares, como a insistência do prefeito em construir “um grande salão de baile” no museu, o artigo descreve as características mais importantes da construção, mas também ajuda a entender o pensamento de Lina a respeito da grandeza da obra. “O monumental não depende das ‘dimensões’: o Parthenon é monumental, embora sua escala seja a mais reduzida. A construção nazifascista (Alemanha de Hitler, Itália de Mussolini) é elefântica e não monumental na sua empáfia inchada, na sua não-lógica. O que quero chamar de monumental não é questão de tamanho ou de ‘espalhafato’, é apenas um fato de coletividade, de consciência coletiva”, escreveu.

Em todo o livro, é possível encontrar artigos permeados de ideias, posicionamentos e história dessa arquiteta que se mostra não apenas pelos seus projetos, mas também por sua escrita.

O que há para ler

As obras destacadas nessa edição trazem uma abordagem crítica do cubismo pelo arquiteto Le Corbusier e o pintor e escritor Amedé Ozenfant, ensaios de Piet Mondrian, um estudo dos jardins de Burle Marx e um guia da vida e obra de Antoni Gaudí. Além disso, há uma coletânea de artigos de Sérgio Ferro e a análise de 50 anos de planejamento urbano na cidade de São Paulo.



DEPOIS DO CUBISMO

Le Corbusier e Amedé Ozenfant

Cosac Naify

Lançado em 2005, pela primeira vez em língua portuguesa, este livro do célebre arquiteto franco-suíço Le Corbusier (1887-1965) e do pintor e escritor francês Amedé Ozenfant (1886-1966) traz uma visão crítica do Cubismo. Os autores foram os fundadores do Purismo, movimento artístico que surgiu na França nos anos seguintes ao fim da Primeira Guerra. Pautado por uma visão racional e essencialista do mundo, o Purismo se apresentava como uma nova doutrina estética que se conduziria pelas lições inerentes à “precisão das máquinas” e não fosse dominada pela emoção e expressividade de caráter personalista.



AVENIDAS 1950-2000

50 ANOS DE PLANEJAMENTO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Geraldo Borghetti e Witold Zmitrowicz

Edusp

Tendo como ponto de partida os vários projetos viários propostos para a cidade nos últimos cinquenta anos, os autores observam que as áreas urbanas acabam sendo formadas pela sobreposição de vários projetos diferentes, refletindo diversas finalidades que variam no tempo e que são, por vezes, até incompatíveis entre si. Inicialmente, o livro apresenta um breve histórico da cidade, dados sobre a organização administrativa e um panorama do planejamento viário desenvolvido no período. A seguir, são mostrados os principais planos e projetos viários elaborados e implantados na cidade.

GAUDÍ

Maria Antonietta Crippa

Taschen – Coleção Paisagem

Nesta obra, autora apresenta a vida e a obra do arquiteto espanhol Antoni Gaudí (1852-1926), seus trabalhos mais importantes organizados em ordem cronológica e um apêndice com biografia, bibliografia e um mapa indicando os locais das suas construções mais famosas. Gaudí destacou-se por sua atenção à natureza e à importância que atribuía às formas geométricas, além da sua luta pela afirmação da identidade catalã.

NEOPLASTICISMO NA PINTURA E NA ARQUITETURA

Artigos de Piet Mondrian

Tradução de João Carlos Pijnappel e organização de Carlos A. Ferreira Martins

Cosac Naily

Esta obra, que integra a coleção Fontes da Arquitetura Moderna, reúne sete ensaios do artista holandês Piet Mondrian (1872-1944), conhecido por suas pinturas geométricas em cores primárias. O neoplasticismo é o tema do principal artigo do livro. Nele, Mondrian leva os princípios do neoplasticismo para a arquitetura e para todas as demais artes. Nos outros artigos, o leitor encontra uma boa amostra da intensa produção teórica do autor e as diferentes perspectivas da relação entre pintura e arquitetura.



MODERNIDADE VERDE: JARDINS DE BURLE MARX

Guilherme Mazza Dourado

Edusp - Senac

Guilherme Mazza Dourado propõe, nesse livro, uma leitura nova da original e inventiva obra de Roberto Burle Marx, focalizando algumas de suas principais realizações entre as décadas de 1930 e 1960. O autor revisita tanto trabalhos considerados clássicos como projetos menos conhecidos. A prática do paisagista Burle Max – que teve um papel destacado no paisagismo brasileiro pela experimentação que caracterizou sua obra – é aqui apresentada com a análise de documentos inéditos (como fotografias, estudos e desenhos) e projetos acompanhados da especificação botânica original.

ARQUITETURA E TRABALHO LIVRE

Textos de Sergio Ferro

Organização de Pedro Fiori Arantes

Cosac Naily

Esta coletânea reúne textos produzidos por Sérgio Ferro em quarenta anos de trabalho. Arquiteto, pintor e professor da Faculdade de Arquitetura de São Paulo (1962-1971) e da École d'Architecture de Grenoble (1973-2003), Sérgio dedica-se, nestes textos (a maioria inédita) a abordar a arquitetura renascentista (Brunelleschi, Michelangelo e Palladio) e arquitetura moderna brasileira (em especial Oscar Niemeyer, Lucio Costa e Vilanova Artigas), além de discutir o problema da habitação popular, a produção arquitetônica de luxo e as metodologias de pesquisa e ensino em arquitetura.



Viva o Centro São Paulo

A história do

ASSOCIAÇÃO VIVA O CENTRO

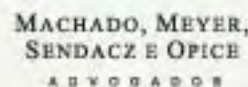
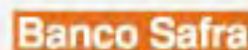
Rua Liberato Badaró, 425 - 4º andar - Centro - São Paulo - SP - CEP 01009-000 - Fone: 3556-8999 - Fax: 3556-8980 - e-mail: avc@vivaocentro.org.br - www.vivaocentro.org.br - A Associação Viva o Centro é reconhecida como Entidade de Utilidade Pública pelos governos Federal (DOU de 10/03/2000), Estadual (São Paulo-Decreto 44.256/99) e Municipal (São Paulo-Decreto 37.747/98), e como Entidade Ambientalista, Entidade Promotora de Direitos Humanos e Instituição Cultural, pelo Governo do Estado de São Paulo (Decreto 46.655/02), e tem suas contas auditadas pela PricewaterhouseCoopers Auditores Independentes.

ASSOCIADOS

Administração e Representação Telles • Agromont Administração de Bens e Participações • Agropecuária Juruá • Associação Brasileira de Bancos Internacionais - ABBI • Associação Brasileira de Designers de Interiores - ABDI • Associação Brasileira de Empresas de Serviços Especiais de Engenharia • Associação Brasileira de Gastronomia, Hospitalidade e Turismo - ABREST • Associação Brasileira de Pedestres - ABRASPE • Associação Brasileira dos Fotógrafos de Publicidade - ABRAPOTO • Associação Comercial de São Paulo - ACSP • Associação Cristã de Moços de São Paulo - ACM/CENTRO • Associação das Empresas Distribuidoras de Valores - ADEVAL • Associação de Comerciantes, Empresários e Liberais do Centro de São Paulo - ACELCESP • Associação dos Advogados de São Paulo - AASP • Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil - ADVB • Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo • Associação dos Oficiais de Justiça do Estado de São Paulo - AOJESP • Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias - ANCOR • Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento - ACREFI • Associação Paulista do Ministério Público - APMP • Bairro Vivo - Agência de Preservação Urbana • Banco Itaú Unibanco • Banco Nossa Caixa • Banco Real • Banco Safra • Banco Santander • Bar Brahma • Biblioteca Mário de Andrade • BM&F Bovespa • Caixa de Assistência dos Advogados de São Paulo - CAASP • Cartório Medeiros • Casa da Bóia • Casas Bahia • Celso Figueiredo Filho • Centro Acadêmico "XI de Agosto" • Centro de Estudos das Sociedades de Advogados - CESA • Centro Universitário Belas Artes • Centro Vivo Revitalização de Imóveis • Cia Central de Importação e Exportação - CONCENTRAL • Cia do Metropolitano de São Paulo - METRÔ • Cia Paulista de Trens Metropolitanos - CPTM • Circolo Italiano - San Paulo • Colégio de São Bento de São Paulo • Condomínio Edifício Mercantil Finasa • Congregação Israelita de São Paulo/Templo Beth-El • Construtora Miguel Curi • Corpo de Bombeiros do Estado de São Paulo • Empresa Paulista de Planejamento

Metropolitano - EMPLASA • Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos de São Paulo - EMTU • Escola Estadual de São Paulo • Escritório Heitor Vitor Fralino Sica • Estapar Estacionamentos • Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo • Federação Brasileira das Associações de Bancos - FEBRABAN • Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares do Estado de São Paulo - FHORESP • Federação do Comércio do Estado de São Paulo - FECOMÉRCIO • Federação Interestadual das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento - FENACREFI • Fundação Escola de Comércio "Álvares Penteado" - FECAP • Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo - FESPSP • Granadeiro Guimarães Advogados • Grupo Lund de Editoras Associadas • Hering São Bento • Igreja do Beato Anchieta • Inspeção Salesiana de São Paulo • Instituto dos Advogados de São Paulo - IASP • Instituto de Arquitetos do Brasil - IAB/SP • Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - IHGSP • Instituto Paulista de Ensino e Pesquisa - IPEP • International Police Association - IPA • Ituaia Agropecuária • José Eduardo Loureiro • José Rodolpho Perazzolo • Lencioni Advogados Associados • Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo - LAO • Logos Engenharia • Machado, Meyer, Sendacz e Opice - Advogados • Messina, Martins e Lencioni Advogados Associados • Mosteiro de São Bento de São Paulo • Museu da Cidade de São Paulo • Museu Pe. Anchieta • Ordem dos Advogados do Brasil - OAB/SP • Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Santa Ifigênia • Paróquia Nossa Senhora da Consolação • Pellegrino e Associados Engenharia • Pinheiro Neto - Advogados • Pioneer Corretora de Câmbio • Polícia Civil do Estado de São Paulo - DEATUR • Polícia Militar do Estado de São Paulo - 7º BPM-M • PricewaterhouseCoopers Auditores Independentes • Rotary Club de São Paulo - República • São Paulo Convention & Visitors Bureau - SPC&VB • Savoy Imobiliária e Construtora • Secretaria de Estado da Educação • Secretaria de Estado da Justiça e Defesa da Cidadania • Secretaria de Estado dos Transportes Metropolitanos • Serviço Social do Comércio - SESC CARMO • Sindicato das Sociedades de Advogados dos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro • Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo - SINHORES • Sindicato dos Empregados em Edifícios de São Paulo - SINDIFÍCIOS • Sindicato dos Comerciantes de São Paulo • Sindicato dos Bancários e Financeiros de SP, Osasco e Região • Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - APFOESP • Sindicato Nacional das Empresas de Arquitetura e Engenharia Consultiva - SINAENCO • Sonia Marques Duher - Advogados • Superintendência do Trabalho Artesanal nas Comunidades de São Paulo - SUTACO • Teatro Municipal de São Paulo • Terraço Itália Restaurante • TozziniFreire Advogados • TPA Empreendimentos e Construções • Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo • Trides Cia. Imobiliária Administradora • União dos Escoteiros do Brasil - UEB/SP • Uniesp • Universidade Anhembi Morumbi • Universidade de Guarulhos - UnG.

Principais Patrocinadores



Centro é feita de grandes nomes. Escreva seu nome aqui também.

CONSELHO DIRETOR 2009/2011

Presidente

Henrique de Campos Meirelles

Vice-Presidentes

Milton Lufz de Melo Santos

Nossa Caixa Desenvolvimento Agência de Fomento de São Paulo

Ricardo Terenzi Neuenchwander

Banco Itaú Unibanco

Roberto Mateus Ordine

Associação Comercial do São Paulo – ACSP

Secretário

Luís Eduardo Ramos Lisboa

Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI

Tesoureiro

Marco Túlio Clivati Padilha

BM&FBovespa

Controlador

José Maria Garetta Camargo

Sindicato dos Contabilistas de São Paulo

Conselheiros sem designação específica (em ordem alfabética)

Abram Abe Szajman (Federação do Comércio do Estado de SP – FECOMÉRCIO) •

Adalberto Savioli (Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento – Acredi) •

Adherbal Silva Pompeu (Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo) •

Agostinho Turbini (Federação Nacional das Associações dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – FENADVB) •

Alencar Burti (Associação Comercial de São Paulo – ACSP) •

Alencar Costa (Federação de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de SP – FHORESP) •

Álvaro Aozas (Bar Brahma) •

Pe. Anílio Ferreira dos Santos (Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Santa Ildegúnia) •

Antonio Othon Pires Rolim (Sindicato da Arquitetura e da Engenharia – SINAENCO) •

Antonio Veronezi (Universidade de Guarulhos) •

Sr. Carlos Alberto Contieri (Museu Padre Anchieta) •

Celso Cintra Mori (Pinheiro Neto Advogados) •

Celso Figueiredo Filho (Grupo Figueiredo) •

Cláudio Ambrósio (Federação do Comércio do Estado de São Paulo – FECOMÉRCIO) •

Clemência Beatriz Wolthers (Centro de Estudos das Sociedades de Advogados – CESA) •

Daniilo Santos de Miranda (Serviço Social do Comércio – SESC) •

Domínguez e Ópico Advogados •

Eduardo José Daros (Associação Brasileira de Pedestres – ABRASPE) •

Fábio Ferreira de Oliveira (Associação dos Advogados de São Paulo – AASP) •

Gabriel Mário Rodrigues (Universidade Anhembimorumbi) •

Gerson Vianna Ayub (Agropecuária Juruá) •

Giuseppe Bezzi (Círculo Italiano) •

Guilherme Afif Domingos •

Hélio Conqueira Júnior (Estapar Estacionamentos) •

Hélio Ribeiro Duarte (Associação Brasileira de Bancos Internacionais – ABBI) •

João Baptista de Oliveira (Sociedade Amigos da Cidade) •

João Grandino Rodas (Universidade de São Paulo) •

José Carlos Pellegrino (Pellegrino e Associados Engenharia) •

José Eduardo Lomero •

José Fernando Pinto da Costa (UNIESP) •

José Roberto Teixeira Pinto (TPA Empreendimentos e Construções) •

José Rodolpho Perazzolo •

Luiz Flávio Borges D'Uso (Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/SP) •

Manoel Félix Cintra Neto (Associação Nacional das Corretoras de Valores, Câmbio e Mercadorias – Ancor) •

Manoel Francisco Pires da Costa •

Marcelo Freitas Camargo (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP) •

Márcio Esmerino Leite Ribeiro (Itana Agropecuária Ltda.) •

Mário Roberto Rizkallah (Casa da Bóia) •

Dom Matthias Tolentino Braga (Mosteiro de São Bento de São Paulo) •

Maurício Guimarães Guimarães (Granadeiro Guimarães Advogados) •

Miguel Alberto Ignatius (Associação dos Dirigentes de Vendas e Marketing do Brasil – ADVB) •

Nelly Martins Ferreira Candeias (Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo) •

Nelson de Abreu Pinto (Sindicato de Hotéis, Restaurantes, Bares e Similares de São Paulo – SINBARES) •

Ney Castro Alves, (Associação das Empresas Distribuidoras de Valores – ADEVAL) •

Paulo Antonio Gomes Cardim (Centro Universitário Belas Artes) •

Paulo Ney Fraga de Sales •

R. Christopher Lund (Grupo Lund de Editoras Associadas) •

Ricardo Patah (Sindicato dos Comerciantes de São Paulo) •

Rogério Feola Lencioni (Lencioni Advogados Associados);

Rogério Ribeiro da Luz (Associação Brasileira de Empresas e Serviços Especiais de Engenharia) •

Rosana Ferrari (Instituto de Arquitetos do Brasil – IAB) •

Sônia Favaretto (BM&FBovespa) •

Sônia Maria Gianina Marques Dobler (Sônia Marques Dobler – Advogados) •

Tom Sando (São Paulo Convention & Visitors Bureau – SPC&VB).

CONSELHO FISCAL

João Edison Deméo (Sindicato dos Contabilistas de São Paulo)

José Joaquim Bearin (Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo)

José Heleno Mariano (Sindicato dos Contabilistas de São Paulo)



UNIESP

SONIA MARQUES
DÖBLER Advogados

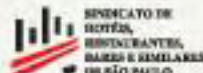
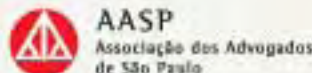


Apoio Operacional



PINHEIRO NETO ADVOGADOS

PROCEWATERHOUSECOOPERS





VOCÊ TEM UM CAPITAL IMENSO PARA COMEÇAR A INVESTIR: SEU TEMPO.

SIMULADOR MERCADOS FUTUROS BM&FBOVESPA. APRENDA A OPERAR NO MERCADO FINANCEIRO E CONCORRA A PRÊMIOS SEM GASTAR UM CENTAVO. O Simulador Mercados Futuros é uma excelente ferramenta para você entender o mercado de derivativos operando direto do seu computador. Você recebe um crédito fictício e pode negociar minicontratos, de Dólar e IBOVESPA, e outros contratos, como DI, Bot Gordo, Café Arábica, Milho e Soja, com os índices e as cotações reais do mercado. Você aprende tudo, sem arriscar seu capital. E os investidores com as melhores rentabilidades de cada quadrimestre ganham prêmios como bolsas de estudos no Instituto Educacional, iPods e assinaturas do Valor Econômico. Consulte o regulamento e inscreva-se no simulador.bmf.com.br

Participação

FLOW

BM&FBOVESPA
A Nova Bolsa



Derivativos são ativos de renda variável, ou seja, não oferecem ao investidor uma rentabilidade garantida, previamente conhecida. Por não oferecer garantia de retorno, devem ser considerados investimentos de risco.